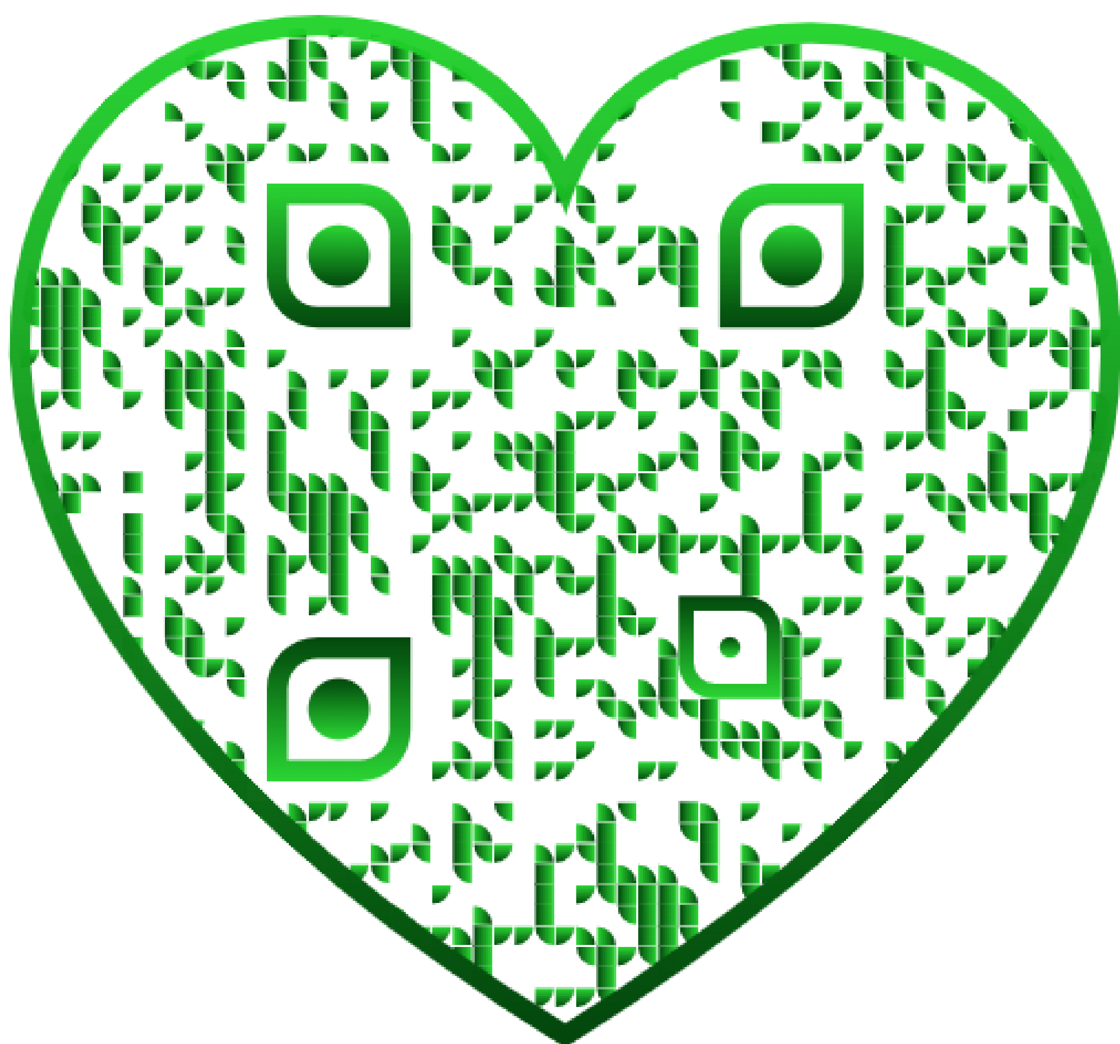
O Grande Deus Pã



Arthur Machen



O Grande Deus Pã

Copyright do texto: The Literary Executors of the Estate of Arthur Machen
Copyright da tradução: Guilherme Mello Sant'Anna, 2015
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Amazon Kindle Publishing & Guilherme Mello Sant'Anna

Autor:
Arthur Machen

Tradutor:
Guilherme Mello Sant'Anna

Título Original
The Great God Pan

Capa
Ana Lima de Mello

Copidesque
Maria Odete Mello

Revisão
Otávio Câmara Sant'Anna
Maria Odete A. M. Mello

Edição Eletrônica
Amazon KDP

INDICE

I - O Experimento

II - As Memórias do Sr. Clarke

III - A Cidade das Ressurreições

IV - A Descoberta na Rua Paul

V - A Carta de Conselho

VI - Os Suicídios

VII - O Encontro no Soho

VIII - Os Fragmentos

I - O Experimento

“Estou feliz por você ter vindo, Clarke; de fato, muito feliz. Eu não sabia se você teria tempo para tanto.”

“Fui capaz de remarcar alguns compromissos por alguns dias; as coisas não estão lá muito animadas no momento. Mas não há nenhum engano, Raymond? É absolutamente seguro?”

Os dois homens andavam lentamente pelo terraço na frente da casa do Dr. Raymond. O sol ainda pendia sobre uma cadeia de montanhas no oeste, mas brilhava com um tom vermelho que não fazia sombra, e todo o ar estava parado. Uma doce brisa vinha do grande bosque colina acima, e com ela, a intervalos irregulares, o suave grulhar dos pombos selvagens. Abaixo, no longo e belo vale, o rio se contorcia ao redor das colinas, e conforme o sol descia e desaparecia no Ocidente, uma névoa difusa, de um branco puro, se erguia das colinas. O Dr. Raymond se virou de súbito para seu amigo.

“Seguro? É claro que é. Por si mesma a operação é extremamente simples; qualquer cirurgião poderia realizá-la.”

“E não há nenhum perigo em nenhum outro estágio?”

“Nenhum; absolutamente nenhum perigo físico, dou-lhe minha palavra. Você está sempre muito tímido, Clarke, sempre; mas conheces minha história. Eu me devoto à medicina transcendental já há vinte anos. Já ouvi me chamarem de fraude e charlatão e impostor, mas esse tempo todo eu soube que estava no caminho certo. Cinco anos atrás alcancei a minha meta, e desde então todo dia foi uma preparação para hoje à noite.”

“Eu gostaria de acreditar que é tudo verdade.” Clarke franziu o cenho e olhou com suspeita para o Dr. Raymond. “Você tem mesmo certeza, Raymond, de que sua teoria não é um fantasma – uma visão esplêndida, certamente, mas apenas uma visão afinal?”

O Dr. Raymond parou de andar e virou-se de súbito. Ele era um homem de meia idade, macilento e magro, de complexão de um amarelo pálido, mas quando ele respondeu a Clarke e o encarou, houve um rubor nas suas faces.

“Olhe ao seu redor, Clarke. Você vê a montanha, e colina seguida de colina, como uma onda segue a outra, você vê o bosque e o pomar, os campos de grão maduro, e os riachos que seguem até as campinas nas margens do rio. Você me vê aqui ao seu lado, e ouve minha voz; mas eu te digo que tudo isso — sim, daquela estrela que acaba de se acender no céu até o chão sólido sob nossos pés — eu digo que todas essas coisas são apenas sonhos e sombras; as sombras que escondem o mundo verdadeiro de nossos olhos. Há um mundo real, mas está além desse glamour e dessa visão, dessas ‘caçadas em Arras, sonhos em uma carreira,’ além de todos eles como atrás de um véu; mas eu sei, Clarke, que você e eu veremos esse véu ser erguido esta noite diante de nossos próprios olhos. Você pode pensar que tudo isso é estranho; pode ser estranho, mas é verdade, e os antigos sabiam o que levantar o véu significa. Eles chamavam isso de ver o Deus Pã.”

Clarke estremeceu. A névoa branca despontando sobre o rio estava fria.

“É realmente maravilhoso,” ele disse. “Nós estamos às margens de um mundo estranho, Raymond, se o que você diz é verdade. Suponho que a faca seja absolutamente necessária?”

“Sim. Uma lesão pequena na massa cinzenta, isso é tudo; um rearranjo frívolo de algumas células, uma alteração microscópica que não seria notada por noventa e nove dentre cem especialistas de neurologia. Eu não quero entediá-lo com detalhes, Clarke; eu poderia te revelar grande quantidade de detalhe técnico que soaria bastante impressionante, e te deixaria tão esclarecido quanto agora. Mas eu suponho que tenha lido casualmente, nos cantos da sua publicação, que avanços imensos foram feitos recentemente na fisiologia cerebral. Eu li um parágrafo outro dia sobre a teoria de Digby, e as descobertas de Browne Faber. Teorias e descobertas! Onde quer que estejam agora, eu estava quinze anos atrás, e não preciso te dizer que não fiquei parado por quinze anos. Basta dizer que cinco anos atrás fiz a descoberta à qual aludi quando disse que alcancei minha meta dez anos atrás. Após anos de trabalho, após anos de labuta e rastejar nas trevas, após dias e noites de desapontamento e ocasional desespero, nos quais eu estremecia de vez em quando pensando que talvez outros estivessem buscando o mesmo que eu, afinal, depois de tanto tempo, um choque de alegria sacudiu minha alma, e eu soube que a longa jornada chegara ao fim. Através do que pareceu então e ainda parece obra do acaso, a sugestão de um pensamento ocasional seguiu as linhas e trilhas familiares que já trilhara centenas de vezes, e a grande verdade caiu sobre mim, e eu vi, mapeado com as bordas da minha visão, um mundo inteiro, uma esfera ainda desconhecida; continentes e ilhas, e grandes oceanos nos quais nenhum navio navegou (creio eu) desde que um homem levantou seus olhos pela primeira vez e contemplou o sol, e as estrelas do céu, e a terra silenciosa abaixo. Você acha que isso é tudo linguagem hiperbólica, Clarke, mas é difícil ser literal. E ainda assim, eu não sei se o que estou sugerindo não pode ser dito em termos simples e diretos. Por exemplo, este nosso mundo está enlaçado em linhas e cabos de telégrafo; o pensamento, com velocidade pouco menor que a do pensamento, dispara do nascer ao pôr-do-sol, de norte a sul, através de planícies alagadas e desertos. Suponha que um eletricista de nossos dias de repente percebesse que ele e seus amigos estiveram meramente brincando com seixos que confundiram com os alicerces do mundo; suponha que tal homem visse todo o espaço se abrir diante da corrente, e as palavras dos homens dispararem até o sol e além do sol e até os sistemas além, e a voz de homens de fala articulada ecoar no vazio que limita nossos pensamentos. Considerando analogias em geral, essa é uma boa analogia do que eu fiz; você pode entender agora um pouco do que eu senti quando estive aqui uma noite; era uma noite de verão, e o vale estava mais ou menos como está agora; eu estive aqui, e vi diante de mim o abismo profundo que se escancara entre dois mundos, o mundo da matéria e o mundo do espírito; eu vi a grande profundeza vazia abrir-se obscuramente diante de mim, e naquele instante uma ponte de luz saltou da terra para a margem desconhecida, e o abismo foi percorrido. Pode olhar no livro de Browne Faber, se quiser, e descobrirá que até o

presente os homens da ciência são incapazes de explicar a presença, ou especificar as funções dum certo grupo de células nervosas no cérebro.

Esse grupo é, como se sabe, espaço de especulação, um mero terreno para teorias mirabolantes. Eu não estou na posição de Browne Faber e os outros especialistas, estou completamente instruído quanto às possíveis funções desses centros nervosos no esquema geral das coisas. Com um toque eu posso levá-las a funcionar, com um toque, eu digo, eu posso libertar a torrente, com um toque eu posso completar a comunicação entre este mundo dos sentidos — deixaremos para completar essa sentença mais tarde. Sim, a faca é necessária; mas pense no que aquela faca realizará. Irá demolir completamente o muro sólido dos sentidos, e provavelmente, pela primeira vez desde que o homem foi feito, um espírito contemplará um mundo espiritual. Clarke, Mary verá o Deus Pã!"

"Mas você lembra o que me escreveu? Eu pensei que seria necessário que ela..."

Ele sussurrou o resto no ouvido do médico.

"Nem um pouco. Isso é tolice. Eu lhe asseguro. Na verdade, é melhor como está; estou certo disso."

"Pense muito bem nisso, Raymond. É uma grande responsabilidade. Algo pode dar errado; você se tornaria um homem miserável pelo resto de seus dias."

"Não, acho que não, mesmo se o pior acontecesse. Como você sabe, eu resgatei Mary das ruas, e de uma morte por inanição quase certa, quando ela era criança. Acho que a vida dela é minha, para ser usada como eu bem entender. Venha, está ficando tarde; é melhor entrarmos."

O Dr. Raymond apontou o caminho até a casa, através do saguão, e através de um longo corredor escuro. Ele tirou uma chave do bolso e abriu uma porta pesada, e fez um gesto convidando Clarke a entrar no laboratório. Já fora antes uma sala de bilhar, e estava iluminado por uma lamparina a gás no centro do teto, de onde uma triste luz cinzenta se projetava sobre a figura do médico, que acendeu uma lâmpada com um quebra-luz denso e a colocou sobre uma mesa no centro da sala.

Clarke olhou ao redor. Mal chegava a haver um pé de parede descoberta lá; havia prateleiras por todo lado cobertas com garrafas e frascos de todos os tamanhos e cores, e em um canto estava uma pequena estante Chippendale para livros. Raymond apontou para ela.

"Vê aquele pergaminho de Oswald Crollius? Ele foi um dos primeiros a me mostrar o caminho, embora não ache que ele próprio o tenha encontrado. Há um estranho ditado dele: 'em cada grão de trigo esconde-se a alma de uma estrela.' "

Não havia muita mobília no laboratório. A mesa no centro, um tampo de pedra com um ralo em um canto, as duas poltronas nas quais Raymond e Clarke estavam sentados; isso era tudo, exceto pela cadeira de aparência estranha no canto mais distante da sala. Clarke olhou para ela e ergueu as sobrancelhas.

"Sim, essa é a cadeira," disse Raymond. "Nós bem que poderíamos colocá-la em posição." Ele se levantou e moveu a cadeira sobre rodas até a luz e começou a elevá-la e rebaixá-la, deixando o assento rebaixar-se, colocando o encosto em diferentes ângulos, e ajustando o apoio dos pés. Parecia razoavelmente confortável, e Clarke passou a mão no macio veludo verde conforme o médico mexia as alavancas.

"Agora, Clarke, pode ficar à vontade. Tenho algumas horas de trabalho diante de mim; fui obrigado a deixar certas questões por último."

Raymond foi até o tampo de pedra, e Clarke olhou com medo conforme ele se abaixou diante de uma fileira de frascos e acendeu a chama sob o cadinho. O doutor tinha uma pequena lâmpada manual, coberta como a maior, sobre uma borda do equipamento, e Clarke, que se sentou nas sombras, olhou para a grande sala escura, pensando sobre os estranhos efeitos de luz brilhante e escuridão indefinida em contraste um com o outro. Logo ele tomou consciência de um estranho odor, no início uma mera sugestão de um odor, na sala, e conforme o odor cresceu com mais força, ele sentiu surpresa por não ter se lembrado de uma farmácia ou de uma sala de cirurgia.

Clarke se viu tentando languidamente analisar a sensação, e meio que inconscientemente, ele começou a pensar em um dia, quinze anos atrás, que ele passara percorrendo os bosques e nascentes perto da própria casa. Era um dia quente de início de Agosto, o calor tornava nebulosos os contornos de todas as coisas e todas as distâncias com uma névoa fraca, e pessoas que observavam o termostato indicaram um registro anormal, de uma temperatura que era quase tropical. Estranho que aquele calor maravilhoso da década de cinquenta se agitara novamente na imaginação de Clarke; a sensação desnorteante de luz solar pervasiva parecia borrar as sombras e luzes do laboratório, e ele sentiu novamente o ar quente golpear em rajadas seu rosto, viu o ar bruxuleante se erguer da campina, e ouviu as miríades de murmúrios do verão.

"Eu espero que o cheiro não te incomode, Clarke; não há nada insalubre nele. Só pode te deixar com um pouco de sono, isso é tudo."

Clarke ouviu as palavras distintamente, e percebeu que Raymond estava falando com ele, mas não conseguiu, por mais que tentasse, livrar-se da sua letargia. Ele só conseguia pensar na caminhada solitária que fizera quinze anos atrás; fora seu último olhar sobre os campos e bosques que conhecera desde que era uma criança, e agora tudo isso aparecia sob a luz brilhante, como uma foto, diante dele. Acima de tudo isso, vinha até suas narinas um cheiro de verão, o cheiro de flores variadas, e o odor dos boques, de frescos lugares sombreados, nas profundezes verdejantes, tomadas pelo calor do sol; e o cheiro da terra boa, deitado de braços abertos e lábios sorridentes, dominava tudo. Seus gostos o fizeram divagar, como divagara há tantos anos, indo dos campos até os bosques, traçando uma pequena trilha entre a vegetação baixa que crescia entre as bétulas; e o murmúrio da água caindo das pedras de calcário soava tão claro quanto uma melodia em um sonho. Os pensamentos começaram a perder-se e a se misturar com outros pensamentos; a alameda de bétulas foi transformada em uma trilha entre os azevinhos, e aqui e ali uma vinha escalava de galho em galho e acenava com ramos verdes balouçantes e envergava-se com uvas roxas, e as esparsas folhas verdes cinzentas de uma oliveira selvagem se destacavam entre as sombras escuras do azevinho. Clarke, nas profundezas de um sonho, estava ciente de que a trilha desde a casa de seu pai o levara a descobrir um país desconhecido, e ele se maravilhava com a estranheza disso tudo, quando de repente, em lugar do zumbido e murmúrios do verão, um silêncio infinito pareceu cair sobre tudo, e o bosque se silenciou, e por um momento no tempo ele se viu frente a frente com uma presença, que não era nem homem, nem fera, nem vivo, nem morto, mas todas as coisas juntas, a forma de todas as coisas, mas ela própria desprovida de forma. E nesse momento, o sacramento da alma e do corpo se dissolveu, e uma voz pareceu clamar "vamos seguir adiante," e então veio a escuridão da escuridão além das estrelas, a escuridão da eternidade.

Quando Clarke acordou com um susto, ele viu Raymond derramando algumas poucas gotas de algum tipo de fluído oleoso em um frasco verde, que ele arrolhou com força.

“Você estava cochilando,” ele disse; “a jornada deve tê-lo cansado. Está feito agora. Estou indo buscar Mary; volto daqui a dez minutos.”

Clarke reclinou-se na poltrona e ficou a imaginar. Parecia que ele apenas passara de um sonho para outro.

Ele quase que esperava ver as paredes do laboratório se derreterem e desaparecerem, e despertar em Londres, estremecendo diante da extravagância do seu sono. Mas afinal a porta se abriu, e o médico voltou, e atrás dele vinha uma garota de mais ou menos dezessete, vestida toda de branco. Ela era tão bela que Clarke não pensou no que o médico lhe escrevera. Ela estava ruborizada no rosto e pescoço e braços, mas Raymond não pareceu se importar.

“Mary,” ele disse, “a hora chegou. Você é livre. Está realmente disposta a confiar seu ser inteiramente a mim?”

“Sim, querido.”

“Ouviste isso, Clarke? Tu és minha testemunha. Aqui está a cadeira, Mary. É bem simples. Apenas sente-se aqui e recline para trás. Você está pronta?”

“Sim, querido, estou mesmo pronta. Dê-me um beijo antes de começar.”

O médico inclinou-se e beijou-lhe a boca de modo gentil.

“Agora, feche seus olhos,” ele disse. A garota cerrou as pálpebras, como se estivesse cansada e quisesse dormir, e Raymond colocou o frasco verde sob as narinas dela. O rosto dela ficou branco, mais branco do que o vestido; ela se contorceu fracamente, e então com um sentimento forte de submissão dentro dela, cruzou os braços sobre o peito como uma criancinha prestes a fazer sua oração. A luz intensa da lâmpada caiu sobre ela, e Clarke viu mudanças passarem rapidamente pelo rosto como as mudanças de sombras sobre uma colina quando as nuvens de verão pairam diante do sol. E então ela se deitou toda branca e parada, e o médico ergueu uma das pálpebras dela. Ela estava totalmente inconsciente. Raymond apertou com força uma das alavancas e a cadeira inclinou-se para trás instantaneamente. Clarke o viu cortar um círculo, como uma tonsura, de cabelo dela, e a lâmpada foi movida ainda mais perto. Raymond sacou um pequeno instrumento brilhante de um pequeno estojo, e Clarke se virou estremecendo. Quando ele olhou de volta, o médico estava enfaixando a ferida que abrira.

“Ela despertará em cinco minutos.” Raymond ainda estava perfeitamente calmo. “Não há nada mais a se fazer; nós só podemos esperar.”

Os minutos passaram lentamente; eles podiam ouvir um lento tique-taque pesado. Havia um relógio velho no corredor. Clarke se sentia nauseado e fraco; seus joelhos tremiam sob ele, tanto que ele mal podia ficar de pé.

Então, enquanto eles olhavam, eles ouviram um longo suspiro arrastado, e de repente a cor que desaparecera retornou às faces da garota, e de súbito os olhos dela se abriram. Clarke retraiu-se diante deles. Eles brilhavam com uma luz terrível, olhando muito longe, e uma expressão de assombro tomou-lhe o rosto, e as mãos dela se esticaram para tocar o que parecia invisível; mas em um instante a expressão de assombro desapareceu, e foi substituída pelo mais terrível horror. Os músculos do rosto dela se contorceram horrivelmente, ela se contorceu da cabeça aos pés; a alma parecia se contorcer e estremecer dentro do abrigo de carne. Era uma visão horrível, e Clarke adiantou-se conforme ela caiu gritando no chão.

Três dias mais tarde, Raymond levou Clarke até o leito de Mary. Ela estava desperta, virando o rosto de um lado para o outro, e sorrindo languidamente.

“Sim,” disse o médico, ainda bem relaxado, “é uma pena e tanto; ela é uma louca sem cura. Entretanto, isso não poderia ser evitado; e, afinal de contas, ela viu o Grande Deus Pã.”

II - As Memórias do Sr. Clarke

O Sr. Clarke, o cavalheiro escolhido pelo Dr. Raymond para testemunhar o estranho experimento do Deus Pã, era uma pessoa em cujo caráter a precaução e a curiosidade estavam estranhamente misturadas; em seus momentos mais sóbrios ele pensava sobre o incomum e excêntrico com aversão indisfarçada, e ainda assim, no fundo de seu coração, havia uma curiosidade de olhos escancarados com respeito a todos os elementos mais recônditos e esotéricos na natureza humana.

Essa última tendência foi a que prevalecera quando ele aceitou o convite de Raymond, pois embora seu julgamento considerado tivesse sempre repudiado as teorias do doutor como a maior das bobagens, ele ainda assim abraçara secretamente uma crença na fantasia, e teria se regozijado em ver tal crença confirmada.

Os horrores que ele testemunhara no sombrio laboratório foram até certo ponto salutares; ele estava consciente de estar envolvido em um negócio não totalmente respeitável, e por muitos anos depois ele se agarrou corajosamente ao lugar-comum e rejeitou todas as ocasiões de investigação do oculto. De fato, por algum princípio homeopático, ele atendera por um tempo os seánces de alguns médiuns distintos, esperando que os truques desajeitados daqueles cavalheiros de algum modo o deixariam totalmente enojado quanto a qualquer tipo de misticismo, mas o remédio, embora cáustico, não foi eficaz.

Clarke sabia que ainda desejava conhecer o invisível, e pouco a pouco, a velha paixão começou a se fortalecer novamente, conforme o rosto de Mary, tremendo e convulsionando em terror desconhecido, evanesceu lentamente de sua memória. Ocupado o dia todo em investigações tanto sérias quanto lucrativas, a tentação de relaxar à tarde era grande demais, principalmente nos meses de inverno, quando o fogo projetava um calor acolhedor dentro do seu aconchegante apartamento de solteiro, e uma garrafa de xerez de uma boa safra estava sempre ao alcance das mãos. Com o jantar já digerido, ele faria uma breve pretensão de ler o jornal da tarde, mas o mero catálogo de notícias logo o entediava, e Clarke acabava lançando olhares de doce desejo na direção de uma velha escrivaninha japonesa, que ficava a uma distância agradável da lareira.

Como um menino diante de um armário contendo doces geleias, por algum tempo, ele hesitava indeciso, mas o desejo sempre prevalecia, e Clarke acabava puxando a cadeira, acendendo uma vela, e sentando-se diante da escrivaninha. Seus escaninhos e gavetas fervilhavam com documentos dos assuntos mais mórbidos, e no fundo repousava um grande volume manuscrito, no qual ele havia inscrito dolorosamente as gemas da sua coleção. Clarke tinha uma antipatia forte contra literatura publicada; a história mais assombrosa não o interessava se fosse impressa; seu único prazer consistia em ler, compilar, e rearranjar o que ele chamava de suas “Memórias para provar a Existência do Diabo,” e quando se dedicava a essa atividade, a tarde parecia voar e a noite parecia curta demais.

Em uma tarde em particular, uma feia noite de Dezembro, negra com neblina, e dura com geada, Clarke comeu seu jantar com pressa, e mal fingiu observar seu ritual de costume, de pegar o papel impresso e deixá-lo de lado de novo. Ele andou duas ou três vezes pelo aposento, e abriu a escrivaninha, ficou parado um momento, e então se sentou. Ele se reclinou para trás, absorto em um daqueles sonhos aos quais era sujeito, e com demora pegou seu livro, e o abriu na passagem mais recente. Havia três ou quatro páginas densamente cobertas com a caligrafia arredondada e definida de Clarke, e logo no início ele escrevera com uma caligrafia um pouco maior:

Narrativa Singular que me foi narrada pelo meu Amigo,
Dr. Phillips. Ele me assegura que todos os fatos
Aqui relatados são estritamente e totalmente verdadeiros,
Mas se recusa a dar ou os Sobrenomes das
Pessoas Envolvidas, ou o Lugar onde estes
Eventos Extraordinários ocorreram.

O Sr. Clarke começou a ler o relato novamente pela décima vez, olhando de relance ocasionalmente para as notas a lápis que ele fizera quando seu amigo lhe contara a história. Era do feitio dele orgulhar-se de uma certa habilidade literária; ele tinha uma boa opinião de seu estilo, e se esforçou em arranjar as circunstâncias em ordem dramática.

Ele leu a seguinte história: –

Os interessados nesta declaração são Helen V., que, se ainda estiver viva, deve ser uma mulher de vinte e três, Rachel M., desde então falecida, que era um ano mais nova que a mencionada acima, e Trevor W., um retardado mental, de dezoito anos. Essas pessoas eram, no período em que se passa a história, habitantes de uma aldeia na fronteira do País de Gales, um lugar de alguma importância nos tempos da ocupação romana, mas agora um povoado disperso, de não mais que quinhentas almas. Fica situado em uma elevação, a cerca de seis milhas do mar, e é protegido por uma floresta grande e pitoresca.

Há cerca de onze anos, Helen V. chegou na aldeia sob circunstâncias por demais peculiares. Sabe-se que ela, sendo uma órfã, foi adotada ainda bebê por um parente distante, que a criou na própria casa até que ela tivesse doze anos de idade. Pensando, no entanto, que seria melhor para uma criança ter parceiras de brincadeira da mesma idade, ele anunciou em vários jornais locais um pedido por um bom lar em uma casa de fazenda confortável para uma menina de doze anos, e esse anúncio foi respondido por um Sr. R., um fazendeiro de boas condições na aldeia previamente mencionada.

Suas referências provando-se satisfatórias, o cavalheiro mandou sua filha adotiva para o Sr. R., junto com uma carta, na qual ele estipulou que a garota deveria ter um quarto só para si, e que os guardiões não deveriam se preocupar com a educação dela, pois ela já era suficientemente educada para a posição na vida que ocuparia. Na verdade, foi dado a entender ao Sr. R. que a garota teria permissão para encontrar as próprias ocupações e passar o tempo quase de qualquer maneira que gostasse. O Sr. R. a encontrou devidamente na estação mais próxima, uma cidade a sete milhas de sua casa, e parece não ter notado qualquer coisa extraordinária em relação à criança, exceto que ela era reticente em falar sobre sua vida anterior e seu pai adotivo. Ela era, no entanto, de um tipo muito diferente dos habitantes da aldeia, sua pele era de um tom moreno claro e pálido, e suas feições eram fortemente marcadas, e de um caráter um tanto estranho. Ela pareceu ter se adaptado bem à vida na fazenda, e se tornou bem popular com as crianças, que às vezes iam com ela em seus passeios na floresta, pois essa era a distração dela. O Sr. R. declara que ele já soube de ela sair sozinha logo após o café da manhã e não voltar até o entardecer, e que, sentindo-se incomodado com uma garota ficar fora e sozinha por tantas horas, ele se comunicou com o pai adotivo dela, que respondeu em uma nota breve que Helen deveria fazer o que ela escolhesse.

Durante o inverno, quando as trilhas da floresta estão intransponíveis, ela passava a maior parte do tempo no quarto, onde dormia sozinha, de acordo com as instruções do parente. Foi em uma dessas expedições para a floresta que o primeiro dos incidentes singulares com que esta garota está conectada ocorreu, a data sendo um ano após a chegada dela na aldeia.

O inverno precedente havia sido notavelmente severo, a neve se acumulando até uma grande profundidade, e a geada continuando por um período inigualado, e o verão que se seguiu foi igualmente notável pelo seu calor extremo. Em um dos dias mais quentes naquele verão, Helen V. deixou a casa de fazenda para um dos seus longos passeios na floresta, levando consigo, como de hábito, um pouco de pão e carne para o lanche.

Ela foi vista por alguns homens nos campos, indo na direção da velha Estrada Romana, uma passagem verde que atravessa a parte mais alta do bosque, e eles ficaram assombrados em ver que a garota tirara seu chapéu, embora o calor do sol já estivesse em nível tropical. Como aconteceu, um operário, de nome Joseph W., estava trabalhando na floresta perto da Estrada Romana, e ao meio dia seu filho pequeno, Trevor, levou até o homem sua refeição de pão e queijo.

Após a refeição, o menino, que tinha cerca de sete anos de idade então, deixou o pai no trabalho, e, como ele disse, foi procurar flores no bosque, e o homem, que podia ouvi-lo gritando de alegria com suas descobertas, não sentiu nenhum receio. Entretanto, de súbito, ele ficou horrorizado ao ouvir os gritos mais horríveis, obviamente resultado de grande terror, procedendo da direção onde seu filho tinha ido, e ele jogou apressadamente suas ferramentas e foi ver o que tinha acontecido.

Seguindo o caminho do som, ele encontrou o menino, que estava correndo na direção dele, e estava horrivelmente assustado, e ao questioná-lo o homem descobriu que, depois de pegar um ramalho de flores, ele se sentiu cansado e deitou na grama e adormeceu.

Ele despertou de repente, como declarou, por causa de um som peculiar, um tipo de canto, ele o chamara, e ao espiar através dos galhos, ele viu Helen V. brincar na grama com “um estranho homem nu,” que ele pareceu incapaz de descrever em mais detalhes. Ele disse que ele se sentiu terrivelmente aterrorizado e correu gritando pelo pai. Joseph W. prosseguiu na direção indicada pelo filho, e achou Helen V. sentada na grama no meio de uma clareira ou espaço aberto deixado por queimadores de carvão. Ele a acusou com raiva de assustar seu filho pequeno, mas ela negou completamente a acusação e riu diante da história da criança de um “homem estranho,” à qual ele próprio não dava muito crédito. Joseph W. chegou à conclusão de que o garoto despertara com um susto súbito, como acontece ocasionalmente com as crianças, mas Trevor insistiu na sua história, e continuou com tanto pavor que por fim o pai o levou para casa, esperando que a mãe pudesse acalmá-lo.

Por muitas semanas, entretanto, o menino causou em seus pais muita ansiedade; ele passou a se comportar de modo estranho e ansioso, recusando-se a sair da cabana sozinho, e alarmando constantemente o lar ao acordar à noite com gritos de “O homem no bosque! Pai! Pai!”

Conforme o tempo passou, no entanto, a impressão pareceu se desgastar, e três meses mais tarde ele acompanhou o pai até a casa de um cavalheiro na vizinhança, para quem Joseph W. ocasionalmente trabalhava. O homem foi levado até o estúdio, e o menino foi deixado no saguão, e alguns minutos depois, enquanto o cavalheiro dava instruções a W., ambos foram assustados por um grito penetrante e o som de uma queda, e ao correrem na direção do som, encontraram a criança deitada inconsciente no chão, seu rosto contorcido com terror. O médico foi chamado imediatamente, e após um breve exame pronunciou que a criança sofrera de algum tipo de ataque, provavelmente produzido por algum choque repentino. O menino foi levado a um dos quartos, e depois de um tempo recobrou a consciência, mas apenas para passar a uma condição descrita pelo médico como sendo de violência histérica. O médico lhe deu um forte sedativo e depois de duas horas declarou-o bom o suficiente para andar para casa, mas ao passar pelo saguão os paroxismos de terror retornaram e com violência adicional. O pai percebeu que a criança apontava algum objeto, e ouviu o velho grito, “o homem no bosque,” e ao olhar na direção indicada viu uma cabeça de pedra de aparência grotesca, que havia sido embutida na parede acima de uma das portas. Parece que o dono da casa fizera alterações recentes em suas premissas e ao cavar os alicerces de certas oficinas, os homens tinham encontrado uma cabeça estranha, evidentemente do período romano, que fora alocada da maneira descrita. A cabeça foi pronunciada pelos arqueólogos mais experientes do distrito como sendo de um fauno ou sátiro.

[O Dr. Phillips me disse que ele viu a cabeça em questão, e me assegura que nunca tivera um pressentimento tão vívido e intenso de maldade.]

Qualquer que fosse a causa, este segundo choque pareceu severo demais para o menino Trevor, e na presente data ele sofre de uma fraqueza do intelecto, que apresenta pouquíssima chance de melhora. A questão causou um bom grau de agitação na época, e a garota envolvida, Helen, foi questionada com cuidado pelo Sr. R., mas sem nenhum ganho, pois ela negou veementemente que havia aterrorizado ou abusado de Trevor de qualquer forma.

O segundo evento com o qual o nome da garota está conectado ocorreu cerca de seis anos atrás, e é de um caráter ainda mais extraordinário. No início do verão de 1882, Helen começou a desenvolver uma amizade de caráter peculiarmente íntimo com Rachel M., a filha de um próspero fazendeiro na vizinhança. Essa garota, que era um ano mais nova que Helen, era considerada por muitos como a mais bela das duas, embora as feições de Helen tivessem de modo geral se suavizado conforme ela crescera. As duas garotas, que estavam juntas em todas as oportunidades possíveis, apresentavam um contraste

singular, uma com sua pele morena clara e aparência quase italiana, e a outra do proverbial branco e vermelho dos nossos distritos rurais. Deve-se dizer que os pagamentos feitos ao Sr. R. para manter Helen eram conhecidos na aldeia por serem excessivamente liberais, e havia uma impressão geral de que ela um dia herdaria uma grande soma do seu parente. Os pais de Rachel, portanto, não eram contrários à amizade que sua filha tinha com a menina, e até encorajavam a intimidade, embora agora se arrependam amargamente de tê-lo feito.

Helen ainda retinha sua extraordinária predileção pela floresta, e em muitas ocasiões Rachel a acompanhara, as duas amigas saindo de manhã, e permanecendo no bosque até o entardecer. Uma ou duas vezes após essas excursões, a Sra. M. achou que a filha agia de modo um tanto peculiar; ela parecia lânguida e sonhadora, e como foi expresso, "diferente dela mesma," mas essas peculiaridades pareceram um tanto banais para serem comentadas. Uma tarde, no entanto, após Rachel voltar para casa, a mãe dela ouviu um barulho que parecia choro abafado no quarto da garota, e ao entrar a encontrou deitada e seminua na cama, evidentemente em grande aflição. Assim que viu a mãe, ela exclamou, "Ah, mãe, mãe, por que você me deixou ir para a floresta com Helen?" A Sra. M. se assustou com uma pergunta tão estranha, e começou a fazer suas próprias perguntas. Rachel contou-lhe uma história estranha. Ela disse...

Clarke fechou o livro com um estalo, e virou a cadeira na direção da lareira. Quando seu amigo se sentou uma tarde nessa cadeira e lhe contou sua história, Clarke o interrompera em um ponto um pouco subsequente a esse, e cortara suas palavras com um paroxismo de horror. "Meu Deus!" ele exclamara, "pense, pense no que está dizendo. É por demais inacreditável, monstruoso demais; tais coisas nunca podem existir neste mundo tranquilo, onde homens e mulheres vivem e morrem, e lutam, e conquistam, ou talvez falham e caem sob a depressão, e lamentam e sofrem estranhas fortunas por muitos anos; mas não isso, Phillips, não coisas assim. Deve haver alguma explicação, alguma maneira de escapar do terror. Por quê, homem, se tal caso fosse possível, nossa terra seria um pesadelo." Mas Phillips contara sua história até o fim, concluindo:

"A fuga dela permanece um mistério até hoje; ela desapareceu em plena luz do dia; eles a viram andando em uma campina, e alguns momentos depois ela não estava lá."

Clarke tentou conceber a coisa toda de novo, enquanto estava sentado perto do fogo, e de novo sua mente estremeceu e se retraiu, chocado diante da visão de tais elementos horríveis e indescritíveis entronados como estavam, e triunfantes na carne humana. Diante dele se abria a visão difusa da trilha verde na floresta, como seu amigo a descrevera; ele viu as folhas balouçantes e as sombras trêmulas na grama, ele viu a luz do sol e as flores, e longe, longe na distância, as duas figuras se moveram na direção dele. Uma era Rachel, mas a outra?

Clarke tentara o melhor que podia não acreditar, mas no fim do relato, como ele escrevera em seu livro, ele colocara a inscrição:

ET DIABOLUS INCARNATE EST. ET HOMO FACTUS EST.

III - A Cidade das Ressurreições

"Herbert! Meu bom Deus! Será possível?"

"Sim, meu nome é Herbert. Também acho que conheço seu rosto, mas não lembro seu nome. Minha memória é muito estranha."

"Você não se lembra de Villiers de Wadham?"

"É mesmo, é mesmo. Devo pedir seu perdão, Villiers, eu não achava que estava cumprimentando um antigo amigo de faculdade. Boa tarde."

"Meu caro amigo, essa pressa é desnecessária. Meus aposentos estão próximos, mas não iremos até lá ainda. Suponho que andaremos um pouco pela Avenida Shaftesbury Mas como, em nome de Deus, você chegou até aqui, Herbert?"

"É uma longa história, Villiers, e estranha também, mas você pode ouvi-la se quiser."

"Vamos então. Pegue meu braço, você não parece muito forte." O par mal formado se moveu lentamente pela Rua Rupert; um de trapos sujos de aparência maligna, e o outro trajado com a vestimenta regular de um homem na cidade, bem-arrumado, brilhante, e eminentemente abastado. Villiers saíra do seu restaurante após um excelente jantar de muitos pratos, auxiliado por um pequeno frasco gracioso de Chianti, e com aquela disposição mental que nele era quase crônica, havia se demorado um momento perto da porta, espiando ao redor pela rua mal iluminada em busca daquelas pessoas e incidentes misteriosos com os quais as ruas de Londres fervilham em todo quarteirão e a toda hora.

Villiers se orgulhava de ser um explorador experiente de tais labirintos e becos obscuros da vida londrina, e nessa busca infrutífera ele mostrava uma assiduidade que era digna de ser empregada de modo mais sério. Assim, ele ficou ao lado do poste de luz pesquisando os passantes com curiosidade indisfarçada, e com aquela gravidade conhecida apenas do comensal mais sistemático, acabara de enunciar em sua mente a fórmula: "Londres já foi chamada de cidade dos encontros; mas é mais do que isso, é a cidade das ressurreições," quando essas reflexões foram interrompidas de súbito por um choro patético próximo do cotovelo dele, e uma súplica deplorável por esmolas.

Ele olhou ao redor com certa irritação e com um choque repentino encontrou-se com uma prova incarnada de suas fantasias empoladas. Lá, bem ao lado dele, sua face alterada e desfigurada por pobreza e desgraça, seu corpo mal coberto por trapos sujos de tamanho errado, estava seu velho amigo Charles Herbert, que se matriculara na universidade no mesmo dia que ele, com quem ele fora alegre e sábio por doze semestres inteiros. Diferentes ocupações e interesses variados tinham interrompido a amizade, e já eram seis anos desde que Villiers vira Herbert; e agora ele olhava para esse trapo de homem com tristeza e desânimo, misturado com certa curiosidade quanto a que tipo de série terrível de eventos o levara a um destino tão sombrio. Villiers sentiu com paixão todo o encanto do entusiasta em mistérios, e se congratulou por suas especulações sem propósito fora do restaurante.

Eles andaram em silêncio por algum tempo, e mais de um passante fitou com assombro o espetáculo incomum de um homem bem-vestido com um inconfundível mendigo andando ao seu braço, e, ao notar isso, Villiers levou os dois até uma rua obscura em Soho. Lá ele repetiu sua pergunta.

"Como tal coisa pode ter acontecido neste mundo, Herbert? Eu sempre pensei que você subiria a uma posição excelente em Dorsetshire. Teu pai te deserdou? Certamente que não?"

"Não, Villiers; eu herdei toda a propriedade no evento da morte de meu pobre pai; ele morreu um mês depois que eu deixei Oxford. Ele foi um bom pai para mim, e eu lamentei a morte dele com bastante sinceridade. Mas você sabe como são os jovens homens; alguns meses depois eu fui para a cidade e me entrosei na sociedade. É claro, eu tive apresentações excelentes, e consegui me divertir muito de uma maneira inofensiva. Cheguei a apostar um pouco, certamente, mas nunca com qualquer risco sério, e as poucas apostas que fiz em corridas me trouxeram dinheiro —apenas algumas libras, sabe, mas o suficiente para pagar por charutos e tais prazeres simples. Foi na minha segunda temporada que a maré virou. Você já deve ter ouvido falar do meu casamento, com certeza?"

"Não, nunca ouvi nada sobre isso."

"Sim, eu me casei, Villiers. Conheci uma garota, uma garota da mais maravilhosa e incomum beleza, na casa de algumas pessoas que eu conhecia. Não posso te dizer a idade dela; eu nunca soube, mas pelo que posso adivinhar, eu acho que ela devia ter dezenove quando eu a conheci. Meus amigos a conheceram em Florença; ela lhes dissera que era uma órfã, a filha de um pai inglês e uma mãe italiana, e ela os encantou assim como me encantou. A primeira vez que a vi foi durante um jantar. Eu estava perto da porta falando com um amigo, quando de repente, acima do zumbido e barulho das conversas, eu ouvi uma voz que parecia fazer meu coração acelerar. Ela estava cantando uma canção italiana. Eu fui apresentado a ela naquela noite, e em três meses me casei com Helen. Villiers, aquela mulher, se é que posso chamá-la de mulher, corrompeu minha alma. Na noite do casamento, eu me encontrei sentado no quarto dela no hotel, ouvindo-a falar. Ela estava sentada na cama, e eu a ouvi conforme falava com sua bela voz, falava de coisas que mesmo agora eu não ouso sussurrar na noite mais negra, mesmo que estivesse no meio de uma floresta.

Você, Villiers, você pode achar que conhece a vida, e Londres, e o que acontece dia e noite nessa cidade horrível; pelo que posso dizer você pode ter ouvido falar das coisas mais vis, mas eu te digo que não podes ter ideia do que eu sei, nem em teus sonhos mais horríveis e fantásticos tu poderias ter imaginado a sombra mais fraca do que eu ouvi – e vi. Sim, vi.

Eu vi o incrível, tais horrores que até mesmo eu paro no meio da rua para me perguntar se é possível que um homem contemple tais coisas e viva. Eu um ano, Villiers, me tornei um homem arruinado, de corpo e alma – de corpo e alma."

"Mas sua propriedade, Herbert? Você tinha terras em Dorset."

"Vendi tudo; os campos e bosques, a velha casa querida — tudo."

"E o dinheiro?"

"Ela tirou tudo de mim."

"E depois te deixou?"

"Sim; ela desapareceu uma noite. Eu não sei aonde foi, mas eu tenho certeza que se a visse novamente isso me mataria. O resto da minha história não tem nenhum interesse; sórdida miséria, isso é tudo. Você pode achar, Villiers, que eu exagerei e falei para causar impressão; mas não te contei nem a metade. Eu poderia te dizer certas coisas que te convenceriam, mas você nunca teria outro dia feliz na sua vida. Você passaria o resto da sua vida como eu passo a minha, um homem assombrado, um homem que viu o inferno."

Villiers levou o homem infeliz até seus aposentos, e lhe deu uma refeição. Herbert podia comer pouco, e mal tocou na taça de vinho diante dele. Ele se sentou mal-humorado e silencioso perto do fogo, e pareceu aliviado quando Villiers o mandou embora com uma pequena soma em dinheiro.

"Por falar nisso, Herbert," disse Villiers, conforme se despediam diante da porta, "qual o nome de sua esposa? Você disse Helen, eu acho? Helen de quê?"

"O nome pelo qual ela passava quando a conheci era Helen Vaughan, mas se é o nome dela eu não posso garantir. Não acho que ela tinha um nome. Não, não nesse sentido. Apenas seres humanos possuem nomes, Villiers; não posso dizer mais nada. Adeus. Sim, eu não deixarei de chamar se conseguir pensar em um modo pelo qual podes me ajudar. Boa noite."

O homem saiu na noite amarga, e Villiers retornou à sua lareira. Havia algo em Herbert que o chocara de maneira inexpressável; não seus pobres trapos nem as marcas que a pobreza deixara em seu rosto, mas sim um terror indefinido que emanava dele como uma névoa. Ele reconhecera que ele próprio não era livre de culpa; a mulher, ele clamara, o corrompeu de corpo e alma, e Villiers sentiu que esse homem, outrora seu amigo, havia sido um ator em cenas de um mal além do poder das palavras. A história dele não precisava de confirmação: ele próprio era a prova encarnada disso. Villiers considerou cuidadosamente a história que ouvira, e imaginou se tinha ouvido o seu começo ou o seu fim.

"Não," ele pensou, "certamente não o fim, provavelmente apenas o começo. Um caso como este é como um conjunto de caixas chinesas; você abre uma após a outra e encontra um trabalho mais inusitado em cada caixa. O mais provável é que o pobre Herbert seja apenas uma das caixas do lado de fora; há outras mais estranhas a se seguir."

Villiers não conseguia tirar de sua mente Herbert e sua história, que parecia crescer mais grotesca conforme a noite passava. O fogo parecia queimar baixo, e o ar frio da manhã se arrastou para dentro do quarto; Villiers se levantou com uma espiada por cima do ombro, e ainda estremecendo foi para a cama.

Alguns dias mais tarde, ele viu no seu clube um cavalheiro conhecido seu, de nome Austin, que era famoso pelo seu conhecimento íntimo da vida em Londres, tanto em suas fases luminosas quanto tenebrosas. Villiers, ainda cheio do seu encontro no Soho e suas consequências, achou que Austin poderia ajudar a esclarecer a história de Herbert, e assim, após uma conversa casual ele colocou a seguinte questão:

"Você por acaso saberia alguma coisa sobre um homem chamado Herbert... Charles Herbert?"

Austin se voltou subitamente e olhou para Villiers com certo assombro.

"Charles Herbert? Você não estava na cidade três anos atrás? Não; então você não ouviu do caso da Rua Paul? Causou forte sensação naquela época."

"Qual era o caso?"

"Bem, um cavalheiro, um homem de boa posição, foi encontrado morto, completamente morto, nas vizinhanças de certa casa na Rua Paul, logo na saída da Avenida Tottenham Court. É claro, não foi a polícia que o descobriu; se você ficar acordado a noite inteira com uma luz na janela, o condestável tocará o sino, mas se você estiver morto na vizinhança de alguém, você será deixado lá em paz.

Neste caso, como em muitos outros, o alarme foi tocado por algum vagante; eu não estou falando de um mendigo comum, ou um miserável frequentador de casa pública, mas um cavalheiro, cujo trabalho ou lazer, ou ambos, o tornaram um espectador das ruas londrinas às cinco da manhã. Esse indivíduo estava, como ele disse, 'indo para casa,' que não parecia ser nem aqui nem acolá, e acabou por passar pela Rua Paul entre as quatro e cinco da manhã. Alguém ou algo lhe chamou a atenção no Número 20; ele disse, de modo absurdo, que a casa tinha a fisionomia mais desagradável que ele já vira, mas de qualquer modo ele olhou de relance naquela direção e ficou bem impressionado ao ver um homem caído sobre as pedras, seus membros todos contorcidos e a face virada para cima. Nosso cavalheiro achou que o rosto tinha uma aparência particularmente sinistra, e assim saiu correndo em busca do policial mais próximo. O condestável se sentiu, de início, inclinado a tratar o caso com leviandade, suspeitando de uma mera intoxicação alcoólica; entretanto, ele veio, e depois de examinar o rosto do homem, mudou de tom, e bem rápido. O passarinho madrugador que pegou essa minhoca matutina foi mandado ao médico, e o policial bateu na porta e tocou a campainha até que uma jovem criada de aparência desmazelada veio com uma expressão bastante sonolenta. O condestável apontou-lhe o conteúdo da área, e a criada gritou alto o bastante para despertar toda a vizinhança, mas ela nada sabia sobre o homem; nunca o vira antes na casa e coisa e tal.

Enquanto isso, o descobridor original retornou com um profissional médico, e logo em seguida foram para o local. O portão estava aberto, então o quarteto todo desceu os degraus. O médico não precisou nem de um minuto de exame; ele disse que o pobre sujeito estivera morto por várias horas, e foi aí que o caso começou a ficar interessante. O morto não fora assaltado, e em um de seus bolsos havia papéis identificando-o como — bem, como um homem de boa família e bom ambiente, um favorecido na sociedade, e inimigo de ninguém, pelo que se sabia. Não te dou o nome dele, Villiers, porque não tem nada a ver com a história, e porque não é bom se meter em negócios assim com os mortos quando não há parentes vivos.

O próximo ponto curioso foi que o médico não conseguia chegar a uma conclusão sobre como o homem morrera. Havia alguns hematomas nos ombros, mas eram tão leves que parecia que ele fora empurrado para fora da cozinha com força, e não jogado por cima da balaustra na rua ou até mesmo arrastado degrau abaixo. Mas não havia positivamente quaisquer outras marcas de violência sobre ele, certamente nenhuma que esclareceria o motivo de sua morte; e quando eles fizeram a autópsia não havia nenhum traço de veneno de qualquer tipo. É claro, o policial quis saber tudo sobre as pessoas do número 20, e aqui de novo, assim ouvi de fontes privadas, um ou outro ponto curioso se sobressaiu. Parece que os ocupantes da casa eram um Sr. e Sra. Charles Herbert; diz-se que ele era um proprietário de terras, embora chamasse a atenção de muitas pessoas que a Rua Paul não parecia ser o lugar para se

procurar por latifundiários. Quanto à Sra. Herbert, ninguém parecia saber quem ou o que ela era, e, aqui entre nós, eu temo que os mergulhadores que buscavam a história dela se encontraram em águas um tanto quanto estranhas. É claro, os dois negaram ter qualquer coisa a ver com o morto, e na falta de qualquer evidência contra eles, ambos foram liberados. Mas algumas coisas muito estranhas surgiram sobre eles. Embora fosse entre cinco e seis da manhã quando o morto foi removido, uma grande multidão havia se reunido, e vários dos vizinhos correram para ver o que estava acontecendo. Eles foram bem liberais com seus comentários, pelo que tudo indica, e a partir destes, parece que o Número 20 não tinha uma reputação muito boa na Rua Paul.

Os detetives tentaram traçar esses rumores até algum alicerce sólido de fatos, mas não conseguiram encontrar nada. As pessoas apenas balançavam as cabeças e erguiam as sobrancelhas e achavam os Herberts um tanto 'incomuns', 'preferiam não serem vistos entrando na casa deles,' e assim por diante, mas não havia nada tangível. As autoridades tinham certeza de que o homem encontrara a morte de um jeito ou outro dentro da casa e fora jogado pela porta da cozinha, mas não podiam provar, e a ausência de quaisquer indicações de violência ou veneno os deixou sem saída. Um caso estranho, não é mesmo? Mas curiosamente, há algo mais que não te contei. Eu por acaso conhecia um dos médicos que foi consultado sobre a causa da morte, e algum tempo após o inquérito eu o encontrei, e o interroguei sobre isso.

'Você realmente está me dizendo,' eu disse, 'que você ficou perplexo com o caso, que você não sabe do que o homem morreu?'

'Perdão,' ele respondeu, 'eu sei perfeitamente bem o que causou a morte. O desconhecido morreu de medo, de puro e mais terrível temor; nunca vi antes feições tão horrivelmente contorcidas em todos os meus anos de prática, e eu já vi as faces de mortos das mais variadas causas.' O doutor era em geral calmo, e uma certa veemência nas maneiras dele me chamaram a atenção, mas não pude extrair mais nada dele. Eu suponho que a promotoria não achou conveniente processar os Herberts por assustar um homem até a morte; de qualquer modo, nada foi feito, e o caso acabou saindo das mentes dos homens. Você sabe algo sobre esse tal Herbert?"

"Bem," respondeu Villiers, "ele era um velho amigo meu de faculdade."

"Não me diga? Você chegou a conhecer a esposa dele?"

"Não, não vi. Perdi o contato com Herbert por muitos anos."

"É estranho, não é, despedir-se de um homem nos portões da faculdade ou em Paddington, não vê-lo por anos, e depois vê-lo dar as caras em um lugar tão estranho. Mas eu gostaria de ter visto a Sra. Herbert; as pessoas diziam coisas extraordinárias sobre ela."

"Que tipo de coisas?"

"Bem, eu mal sei como te dizer isso. Todo mundo que a viu na delegacia de polícia disse que ela era ao mesmo tempo a mulher mais bela e a mais repulsiva que eles já viram. Eu falei com um homem que a vira, e eu te asseguro que ele certamente se arrepiava conforme tentava descrever a mulher, mas ele não conseguia dizer porquê. Ela parece ser um tipo de enigma; e eu espero que se um morto pudesse contar estórias, ele teria contado algumas bem incômodas. E aqui você está de novo em mais um quebra-cabeça; o que um cavalheiro respeitável do campo como o Sr. Desconhecido (nós o chamaremos assim se você não se importa) poderia querer em uma casa tão estranha quanto a Número 20? É de qualquer modo um caso muito estranho, não é mesmo?"

"É verdade, Austin; um caso extraordinário. Eu não achei, quando te perguntei sobre meu velho amigo, que eu encontraria metal tão incomum. Bem, tenho que ir; tenha um bom dia."

Villiers foi embora, pensando no seu conceito de caixas chinesas; aqui estava um trabalho bem inusitado, de fato.

IV - A Descoberta na Rua Paul

Alguns meses após o encontro de Villiers com Herbert, o Sr. Clarke estava sentado, como sempre, perto da sua lareira após a ceia, impedindo resolutamente que seus desejos o levassem para junto da escrivaninha. Por mais de uma semana ele tivera sucesso em se manter longe das "Memórias," e ele nutria esperanças de uma autorreforma completa; mas, apesar de seu esforço, ele não conseguia aquietar a assombrosa impressão e estranha curiosidade que o último caso que anotara deixara nele.

Ele havia deixado o caso, ou melhor, as suas causas prováveis, para as conjecturas de um amigo científico, que balançou a cabeça, e pensou que Clarke estava enlouquecendo, e nessa tarde em particular Clarke estava fazendo um esforço para racionalizar a história, quando uma batida repentina na porta o tirou de suas meditações.

"O Sr. Villiers veio visitá-lo, senhor."

"Meu caro, Villiers, é gentileza tua vir me ver; eu não te via há muitos meses; chego a pensar que já faz quase um ano. Entre, entre. E como você está, Villiers? Quer algum conselho sobre investimentos?"

"Não, obrigado, acredito que tudo o que tenho nesse sentido é bem seguro. Não, Clarke, na verdade eu vim aqui para te consultar sobre uma questão um tanto curiosa que chamou minha atenção recentemente. Temo que você a considerará bem absurda quando eu lhe contar minha estória. Eu às vezes penso do mesmo modo, e isso é justamente o que me convenceu a vir vê-lo, pois sei que você é um homem de senso prático."

O Sr. Villiers ignorava a existência das "Memórias para provar a Existência do Diabo."

"Bem, Villiers, ficarei feliz em te aconselhar, o melhor que minhas habilidades permitirem. Qual é a natureza do caso?"

"É uma coisa completamente extraordinária. Você sabe como sou; sempre mantenho meus olhos abertos para as ruas, e em meus momentos ociosos encontrei estranhos fregueses, e casos igualmente estranhos, mas este, eu acho, supera todos os outros. Eu estava saindo de um restaurante em uma desagradável noite de inverno cerca de três meses atrás; eu acabara de ter uma ceia espetacular e uma boa garrafa de Chianti, e fiquei por alguns momentos na calçada, pensando sobre que mistério poderia haver nas ruas de Londres e as pessoas que passam por elas. Uma garrafa de vinho tinto estimula essas fantasias, Clarke, e eu ouso dizer que teria pensamentos para encher uma página de letras pequenas, mas fui interrompido por um mendigo que veio por trás de mim e fez os pedidos de sempre. É claro, eu olhei ao redor, e esse mendigo acabou se revelando ser o que restara de um amigo meu, um homem chamado Herbert. Eu perguntei a ele como chegara a um estado tão lamentável, e ele me contou. Nós andamos para cima e para baixo ao longo de uma dessas ruas longas e escuras do Soho, e lá eu ouvi a história dele. Ele disse que se casara com uma moça muito bela, alguns anos mais jovem do que ele, e nas palavras dele, que ela o corrompera de corpo e alma. Ele não deu nenhum detalhe; ele disse não ousar fazê-lo, que o que ele vira e ouvira o assombrava durante a noite e durante o dia, e quando eu o olhei na cara soube que ele dizia a verdade. Havia algo sobre aquele homem que me fez estremecer. Eu não sei por quê, mas havia algo assim. Eu lhe dei um pouco de dinheiro e o mandei embora, e eu te asseguro que quando ele já se tinha ido, que eu ofeguei para respirar. A presença dele parecia enregelar o sangue."

"Não é um pouco exagerado dizer isso, Villiers? Eu suponho que o pobre homem realizou um casamento imprudente e, em inglês simples, foi para o lado errado."

"Bem, escute essa." Villiers contou a Clarke a história que ele ouvira de Austin.

"Você vê," ele concluiu, "não pode haver a menor dúvida sobre esse Sr. Desconhecido, quem quer que ele tivesse sido, morreu de puro terror; ele viu algo tão horrível, tão terrível, que lhe encurtou a vida. E o que ele viu, ele certamente viu naquela casa, que, de um jeito ou outro, ganhara uma reputação ruim na vizinhança. Eu fui instigado pela curiosidade a ir e olhar o lugar por mim mesmo. É um tipo triste de rua; as casas são velhas o bastante para serem tristonhas e rudes, mas não o bastante para serem exóticas. Pelo que pude ver a maioria delas são alojamentos para passantes, mobiliadas e não mobiliadas, e quase todas as portas tem três campainhas. Aqui e ali os andares térreos foram transformados em lojas do tipo mais ordinário; é uma rua funesta de quase todos os modos. Eu descobri que o Número 20 seria desapropriado e fui até o agente e peguei a chave. É claro, eu não deveria ter ouvido nada sobre os Herberts naquele quarteirão, mas perguntei ao homem, o mais direto possível, há quanto tempo tinham deixado a casa e se haveria outros inquilinos nesse período. Ele me olhou de um jeito estranho por um minuto, e me disse que os Herberts tinham saído imediatamente após o incidente desagradável, como ele o chamou, e desde então a casa estivera vazia."

O Sr. Villiers parou por um momento.

"Eu sempre gostei bastante de visitar casas abandonadas; há um tipo específico de fascinação nos cômodos vazios e desolados, com os pregos brotando das paredes, e a poeira grossa sobre os peitoris das janelas. Mas eu não gostei de ir até o Número 20, na Rua Paul. Eu mal coloquei meu pé no corredor quando notei uma sensação estranha e pesada na atmosfera da casa. É claro, todas as casas vazias são abafadas, e assim por diante, mas desta vez era algo bem diferente; eu não posso descrevê-lo para você, mas parecia prender o fôlego.

Eu entrei no saguão e no quarto dos fundos, e nas cozinhas no porão; estavam todos sujos e empoeirados, como se esperaria, mas havia algo estranho em todos esses lugares. Eu não conseguiria definir para você o que era, apenas que senti uma sensação muito estranha. Era um dos cômodos no primeiro andar, no entanto, que estava pior. Era um cômodo até que grande, e em algum momento certamente fora mais animado, mas quando eu vi a tinta, o papel de parede, e tudo o mais estava tudo bem desolado. Mas o cômodo estava cheio de horror, eu senti meus dentes rangerem conforme coloquei minha mão na porta, e quando entrei, pensei que cairia desmaiado no chão. Contudo, eu me levantei, e me coloquei contra a parede oposta, imaginando o que poderia haver naquele cômodo para fazer meus membros tremerem, e meu coração bater como se fosse chegada a hora da morte. Em um canto havia uma

pilha de jornais jogados no chão, e eu comecei a lê-los; eram edições de três ou quatro anos atrás, algumas rasgadas, e algumas amassadas como se tivessem sido usadas como papel de embrulho. Eu virei a pilha e lá no meio achei um desenho bem curioso; eu o mostrarei a você. Mas não consegui permanecer na sala; senti que estava me oprimindo. Fiquei agradecido por conseguir sair, são e salvo, para o céu aberto. As pessoas me encararam conforme andei pela rua, e um homem disse que eu estava bêbado. Eu cambaleava de um lado da calçada para outro, e o melhor eu pude fazer foi levar a chave para o agente e ir para casa. Eu fiquei de cama por uma semana, sofrendo do que meu médico dizia ser colapso nervoso e exaustão. Um dia eu estava lendo os jornais da tarde, e notei um parágrafo intitulado 'Morto de Fome.' Era o tipo de coisa previsível: uma casa alugada modelo em Marylebone, uma porta trancada por vários dias, e um homem morto na sua poltrona quando eles entraram. 'o morto,' dizia o parágrafo, 'era conhecido como Charles Herbert, e acredita-se que já foi um próspero dono de terras no interior. Seu nome era conhecido do público três anos atrás por estar ligado à misteriosa morte na Rua Paul, Avenida Tottenham Court, o falecido sendo inquilino da casa Número 20, na área em que um cavalheiro de boa posição foi encontrado morto sob circunstâncias dignas de suspeita.' Um fim trágico, não é mesmo? Mas afinal, se o que ele me contou era verdade, o que tenho certeza de que era, a vida inteira do homem foi uma tragédia, e uma tragédia de tipo mais estranho que se coloca nos teatros."

"E essa é a história, então?" disse Clarke pensativo.

"Sim, essa é a história."

"Bem, na verdade, Villiers, eu mal sei o que dizer sobre isso. Há, sem dúvida, circunstâncias no caso que parecem bastante peculiares, a descoberta do homem morto na área da casa de Herbert, por exemplo, e a opinião extraordinário do médico sobre a causa da morte; mas, afinal, é concebível que os fatos possam ser explicados de modo mais direto. Quanto às suas sensações, quando você foi ver a casa, eu diria que isso se deveu a uma imaginação vívida; você estava devaneando, de maneira semiconsciente, sobre o que ouvira. Eu não vejo exatamente o que mais pode ser dito ou feito sobre isso; você evidentemente pensa que há algum mistério de algum tipo, mas Herbert está morto; onde então você propõe olhar?"

"Eu proponho procurar a mulher; a mulher com quem ele se casou. Ela é o mistério."

Os dois homens se sentaram em silêncio perto da lareira; Clarke estava secretamente se parabenizando por ter mantido com sucesso o caráter de conselheiro do lugar-comum, e Villiers estava embaralhado em suas fantasias tenebrosas.

"Acho que vou fumar um cigarro," ele disse afinal, e colocou sua mão nos bolsos para sentir a cigarreira.

"Ah!" ele disse, se surpreendendo um pouco, "eu esqueci que tinha algo pra te mostrar. Você se lembra de quando eu disse que encontrei um desenho um tanto curioso no meio da pilha de jornais velhos na casa na Rua Paul? Aqui está."

Villiers tirou um pequeno embrulho fino do bolso. Estava coberto de papel marrom, e amarrado com barbante, e os nós eram complicados. Apesar de si, Clarke sentiu-se curioso; ele inclinou-se para frente na cadeira conforme Villiers desfez dolorosamente o laço, e desdobrou a capa externa. Dentro estava uma segunda camada de papel de embrulho, e Villiers a tirou e entregou a pequena folha de papel para Clarke sem uma palavra. Houve um silêncio tumular na sala por cinco minutos ou mais; os dois homens se sentaram tão imóveis que podiam ouvir o tique-taque do grande relógio antigo que ficava do lado de fora, lá no salão, e na mente de um deles a monotonia lenta do som despertou uma memória bem, bem distante. Ele encarava intensamente o pequeno esboço a caneta de tinta da cabeça da mulher; ela fora obviamente desenhada com grande cuidado, e por um artista de verdade, pois a alma da mulher olhava através dos olhos, e os lábios estavam separados por um sorriso estranho.

Clarke continuou a fitar o rosto; esse rosto lhe trazia à memória uma tarde de verão, há muito tempo; ele viu de novo o adorável vale, o rio serpenteando entre as colinas, as campinas e campos de trigo, o fraco sol vermelho, e a fria névoa branca se erguendo da água. Ele ouviu uma voz falando com ele através das ondas de muitos anos, e dizendo "Clarke, Mary verá o Deus Pã!" e depois ele estava na sala sombria ao lado do doutor, ouvindo o pesado bater do relógio, esperando e assistindo, assistindo a figura deitada sobre a cadeira verde sob a luz da lâmpada. Mary se levantou, e ele olhou nos olhos dela, e o coração dele ficou gelado dentro do peito.

"Quem é essa mulher?" Ele disse finalmente. A voz dele estava seca e rouca.

"Essa é a mulher com quem Herbert se casou."

Clarke olhou de novo para o esboço; não era Mary afinal. Certamente havia o rosto de Mary ali, mas havia também outra coisa, algo que ele não vira nas feições de Mary quando a garota vestida de branco entrou no laboratório com o médico, nem quando ela despertou tão terrivelmente, ou mesmo quando ela estava sorrindo loucamente na cama. O que quer que fosse, o olhar que vinha daqueles olhos, o sorriso de lábios abertos, ou a expressão do rosto inteiro, Clarke estremeceu diante de tudo isso até o fundo da alma, e pensou, inconscientemente nas palavras do Dr. Phillips, "o pressentimento mais vívido de maldade que eu já vi." Ele virou o papel mecanicamente em sua mão e olhou o verso.

"Meu Deus! Clarke, o que há com você? Você está branco como a morte."

Villiers se levantara bruscamente da cadeira, conforme Clarke caiu para trás com um gemido, e deixou o papel cair de suas mãos.

"Eu não me sinto muito bem, Villiers, estou sujeito a esses ataques. Sirva-me um pequeno gole de vinho; obrigado, será o bastante. Eu me sentirei melhor em alguns minutos."

Villiers pegou o esboço caído e o virou como Clarke fizera.

"Você viu isso?" ele disse. "Foi assim que eu o identifiquei como um retrato da esposa de Herbert, ou deveria dizer viúva. Como você se sente agora?"

"Melhor, obrigado, foi apenas um mal-estar passageiro. Eu não acho que chego a entender o que você quer dizer. O que você disse que lhe permitiu identificar o desenho?"

"Esta palavra — 'Helen' — estava escrita no verso. Eu não te disse que o nome dela era Helen? Sim; Helen Vaughan." Clarke gemeu; não poderia haver nenhuma sombra de dúvida.

"Agora, você não concorda comigo," disse Villiers, "que na história que eu lhe contei hoje à noite, e no papel que essa mulher tem nela, há alguns pontos muito estranhos?"

"Sim, Villiers," Clarke murmurou, "é sem dúvida uma história estranha; uma história muito estranha. Você deve me dar tempo para pensar sobre

isso; talvez eu possa te ajudar, talvez não. Você já está indo? Bem, boa noite, Villiers, boa noite. Venha me ver daqui a uma semana.”

V - A Carta de Conselho

“Você sabia, Austin,” disse Villiers, enquanto os dois amigos andavam calmamente ao longo da Piccadilly em uma agradável manhã de maio, “você sabia que eu estou convencido de que o que você me contou sobre a Rua Paul e os Herberts é apenas um episódio em uma história extraordinária? Eu poderia muito bem confessar a você que, quando perguntei sobre Herbert alguns meses atrás, tinha acabado de encontrá-lo.”

“Você tinha o encontrado? Onde?”

“Ele veio me pedir dinheiro na rua uma noite. Ele estava em uma condição das mais lastimáveis, mas eu o reconheci, e o convenci a me contar sua história, ou pelo menos seus esboços. Resumindo, foi o seguinte — ele foi levado à ruína pela esposa.”

“De que maneira?”

“Ele não quis me dizer; ele disse apenas que ela o destruíra, de corpo e alma. O homem está morto agora.”

“E o que aconteceu com a esposa?”

“Ah, isso é o que eu gostaria de saber, e quero encontra-la mais cedo ou mais tarde. Eu conheço um homem chamado Clarke, um sujeito sóbrio, na verdade, um homem de negócios, mas bastante sensato. Você entende o que quero dizer; não apenas sensato no sentido meramente de negócios comerciais, mas um homem que realmente sabe muito sobre os homens e a vida. Bem, eu mostrei esse caso a ele, e ele ficou evidentemente impressionado. Ele disse que precisava de consideração, e me pediu para voltar a vê-lo depois de uma semana. Alguns dias depois eu recebi essa carta extraordinária.”

Austin pegou o envelope, tirou a carta, e a leu com curiosidade. Dizia o seguinte: —

“MEU CARO VILLIERS, — eu pensei sobre a questão sobre a qual você me consultou outra noite, e meu conselho é este. Jogue o retrato no fogo, apague essa história da sua mente. Nunca mais pense nisso, Villiers, ou você se arrependerá amargamente. Você pensará, sem dúvida, que eu possuo alguma informação secreta, e até certo ponto, isso é verdade. Mas sei apenas muito pouco; sou como um viajante que olhou para um abismo, e recolheu-se com horror. O que sei já é suficientemente horrível e estranho, e mais além ainda do meu conhecimento há profundezas e horrores ainda mais assustadores, mais incríveis do que qualquer conto narrado aos pés da lareira durante as noites de inverno. Eu tomei a resolução, e nada abalará tal resolução, de não explorar mais a questão, e se você valoriza sua felicidade tomará a mesma medida. Venha e me veja quando quiser; mas nós falaremos apenas sobre coisas mais alegres do que esta.”

Austin dobrou a carta metodicamente, e a devolveu a Villiers.

“É certamente uma carta extraordinária,” ele disse, “o que ele quer dizer quando fala do retrato?”

“Ah! Eu me esqueci de te dizer que fui até a Rua Paul e fiz uma descoberta.”

Villiers contou sua história como a contara para Clarke, e Austin ouviu em silêncio. Ele pareceu intrigado.

“Que curioso que você experimentou uma sensação tão desagradável naquela sala!” Ele disse afinal. “Eu dificilmente entendo que se tratou apenas de imaginação; uma questão de repulsa, em resumo.”

“Não, foi mais físico do que mental. Foi como se a cada inalação eu respirasse algum tipo de fumaça nociva, que parecia penetrar em cada nervo e osso e fibra de meu corpo. Eu me senti esgotado e também exaurido da cabeça aos pés, meus olhos começaram a se ofuscar; foi como se estivesse à beira da morte.”

“Sim, sim, muito estranho com toda a certeza. Veja bem, seu amigo confessa que há alguma história muito sinistra conectada a essa mulher. Você notou alguma emoção em particular nele enquanto você contava sua história?”

“Sim, notei. Ele ficou muito pálido, mas me assegurou que era apenas um ataque passageiro de que ele sofria.”

“Você acreditou nele?”

“Acreditei naquela hora, mas não sei agora. Ele ouviu o que eu tinha a dizer com bastante indiferença, até que eu lhe mostrei o retrato. Foi aí que ele sofreu o ataque de que eu te falei. Ele ficou lívido, eu te asseguro.”

“Então ele deve ter visto a mulher antes. Mas pode haver outra explicação; pode ter sido o nome, e não o rosto, que lhe era familiar. O que você acha?”

“Eu não saberia dizer. Pelo que sei, foi depois de virar o retrato nas mãos que ele quase caiu da cadeira. O nome, como você sabe, estava escrito no verso.”

“É bem verdade. Afinal de contas, é impossível chegar a qualquer resolução em um caso como esse. Odeio melodrama, e nada me atinge como sendo mais banal e tedioso que a história de fantasma comum; mas, em verdade, Villiers, parece haver algo muito estranho no fundo disso tudo.”

Os dois homens tinham, sem notar, virado na Rua Ashley, que rumava para norte de Piccadilly. Era uma rua longa, e de aparência um tanto sombria, mas aqui e ali um gosto mais alegre iluminava as casas escuras com flores, e cortinas alegres, e uma pintura animada nas portas. Villiers olhou para o alto quando Austin parou de falar, e observou uma das casas; gerânios, vermelhos e brancos, se reclinavam por sobre todo peitoril, e cortinas com as cores das abróteas, mantidas abertas, emolduravam todas as janelas.

“Parece bem alegre, não parece?” ele disse.

“Sim, e lá dentro é ainda mais alegre. Algumas das casas mais agradáveis da estação, pelo que ouvi. Ainda não passei lá pessoalmente, mas encontrei vários homens que já passaram, e eles dizem que é incomumente jovial.”

“De quem é a casa?”

“Uma tal de Sra. Beaumont.”

“E quem é ela?”

“Eu não saberia te dizer. Ouvi dizer que ela vem da América do Sul, mas afinal, quem ela é, é de pouca consequência. Ela é uma mulher muito rica, não há sombra de dúvida sobre isso, e algumas das melhores pessoas da sociedade a conhecem. Eu ouvi dizer que ela tem um ótimo clarete, um vinho realmente maravilhoso, que deve ter custado uma soma fabulosa. Lorde Argentine me falou sobre isso; ele estava lá na última noite de domingo. Ele me assegura que nunca tomou um vinho assim, e Argentine, como você sabe, é um especialista.

Por falar nisso, isso me lembra uma coisa, ela deve ser um tipo esquisito de mulher, essa Sra. Beaumont. Argentine lhe perguntou a idade do vinho, e o que você acha que ela disse? ‘cerca de mil anos de idade, eu creio.’ Lorde Argentine pensou que ela estava brincando, você sabe, mas quando ele riu, ela disse que estava falando sério e ofereceu mostrar a garrafa.

É claro, ele não pode dizer mais nada depois disso; mas parece um tanto antigo para uma bebida, não é mesmo? Ora, aqui estão meus aposentos. Entre, por favor.”

“Obrigado, acho que o farei. Há tempos que não via a loja de curiosidades.”

Era um quarto mobiliado ricamente, mas de modo um tanto estranho, onde cada jarro e estante de livros e mesa, e todo tapete e cântaro e ornamento parecia isolado, preservando a individualidade de cada um.

“Algo novo ultimamente?” Disse Villiers depois de um tempo.

“Não; acho que não; você viu esses jarros estranhos, não viu? Achei que sim. Acho que não encontrei nada de novo nas últimas semanas.”

Austin olhou a sala ao redor, de guarda-louça a guarda-louça, de estante a estante, em busca de alguma curiosidade nova. Seus olhos enfim pousaram sobre um baú estranho, entalhado de modo agradável e singular, que estava em um canto escuro da sala.

“Ah,” ele disse, “eu estava quase me esquecendo, eu tenho algo para te mostrar.” Austin destrancou o baú, tirou de dentro um grosso volume de quartilho, colocou-o na mesa, e voltou a fumar o charuto que tinha apagado.

“Você conheceu o pintor Arthur Meyrick, Villiers?”

“Um pouco; eu o encontrei duas ou três vezes na casa de um amigo meu. O que aconteceu com ele? Eu não ouço o nome dele ser mencionado já há algum tempo.”

“Ele está morto.”

“Não me diga tal coisa! Era bem jovem, não era?”

“Sim; tinha apenas trinta anos quando morreu.”

“De que ele morreu?”

“Eu não sei. Ele era um amigo íntimo meu, e um bom companheiro até o fim. Ele costumava vir aqui e conversar comigo por horas, e ele era um dos melhores companheiros de conversa que eu já encontrei. Ele podia até mesmo falar sobre pintura, o que é mais do que se pode dizer da maioria dos pintores. Cerca de dezoito meses atrás ele estava se sentindo um tanto sobrecarregado, e em parte por um conselho meu, saiu em um tipo de expedição de andarilho, sem nenhum prazo definitivo ou destino final determinado. Eu creio que New York seria seu primeiro porto, mas nunca mais ouvi falar dele.

Três meses atrás eu recebi esse livro, com uma carta muito civil de um médico inglês que praticava em Buenos Aires, declarando que ele assistira o falecido Sr. Meyrick durante sua doença, e que o falecido expressara um desejo intenso de que o pacote daquele embrulho deveria ser enviado até mim após a morte dele. Isso foi tudo.”

“E você não escreveu pedindo mais detalhes?”

“Ultimamente pensei em fazer isso. Você me aconselharia a escrever para o médico?”

“Certamente. E o livro é sobre o quê?”

“Estava selado quando eu o recebi. Não acho que o médico o tenha visto.”

“É algo muito raro? Meyrick era um colecionador, talvez?”

“Não, acho que não, dificilmente um colecionador. Agora, o que você acha desses jarros áinus?”

“São peculiares, mas eu gosto deles. Mas você não vai me mostrar o legado do pobre Meyrick?”

“Sim, sim, pode ter certeza. O fato é, é uma coisa um tanto peculiar, e eu não a mostrei a mais ninguém. Eu não diria nada sobre isso, se fosse você. Aqui está.”

Villiers pegou o livro, e o abriu aleatoriamente.

“Não é um volume impresso, então?” ele disse.

“Não. É uma coleção de desenhos em preto e branco feita pelo meu pobre amigo Meyrick.”

Villiers virou as páginas até a primeira, que estava em branco; a segunda tinha uma pequena inscrição, que ele leu:

Silet per diem universus, nec sine horrore secretus est; lucet nocturnis ignibus, chorus Aegipanum undique personatur: audiuntur et cantus tibiarum, et tinnitus cymbalorum per oram maritimam.

Na terceira página havia um desenho que fez Villiers se assustar e olhar para Austin; ele olhava distraidamente pela janela. Villiers virou página após página, absorto, apesar de si mesmo, na Noite de Walpurgis de maldade, maldade monstruosa, que o artista havia representado em duros traços em preto e branco. As figuras de faunos e sátiros e aegipas dançavam diante de seus olhos, a escuridão da mata, a dança sobre as montanhas, as cenas em praias vazias, e vinhedos verdejantes, em rochas e lugares desertos, passaram diante dele; um mundo diante do qual a alma humana parecia recuar e

estremecer. Villiers folheou rapidamente as páginas restantes; ele já tinha visto o bastante, mas a imagem na última folha prendeu seu olhar, enquanto ele quase fechava o livro.

"Austin!"

"Bem, o que foi?"

"Você sabe quem é essa?"

Era o rosto de uma mulher, sozinho na página branca.

"Se sei quem é? Não, é claro que não."

"Eu sei."

"Quem é?"

"É a Sra. Herbert."

"Você tem certeza?"

"Estou perfeitamente certo disso. Pobre Meyrick! Ele é mais um capítulo na história dela."

"Mas o que você acha dos desenhos?"

"São medonhos. Sele o livro de novo, Austin. Se eu fosse você, eu o queimaria; deve ser péssima companhia mesmo trancado em um baú."

"Sim, são desenhos bem singulares. Mas eu imagino que conexão poderia haver entre Meyrick e a Sra. Herbert, ou que ligação há entre ela e esses desenhos?"

"Ah, quem poderia dizer? É possível que a questão termine aqui, e nós nunca saberemos, mas em minha opinião, essa Helen Vaughan, ou Sra. Herbert é apenas o começo. Ela retornará a Londres, Austin; pode apostar nisso, ela voltará, e nós ouviremos mais sobre ela então. Eu duvido que serão notícias muito agradáveis."

VI - Os Suicídios

Lorde Argentine era um grande favorito da sociedade londrina. Aos vinte anos ele havia sido um homem pobre, agraciado com o sobrenome de uma família ilustre, mas forçado a ganhar seu sustento da melhor forma que podia, e o mais especulativo dos usurários não lhe teria legado nem cinquenta pratas para o caso de ele trocar seu nome por um título e sua pobreza por uma grande fortuna. Seu pai estivera próximo o suficiente da fonte do bem para garantir o sustento da família, mas o filho, mesmo se tivesse obedecido a ordens, dificilmente teria obtido sequer isso, e ademais não sentia qualquer vocação para o estado eclesiástico. Assim, ele enfrentou o mundo sem nenhuma armadura mais espessa que o traje do bacharel e a esperteza de um jovem ardiloso, e com esse equipamento conseguiu fazer a luta pela sobrevivência tolerável.

Aos vinte e cinco anos, Charles Aubernon viu-se ainda engajado em uma luta contra o mundo, mas dos sete que lhe barravam o caminho para o lugar mais alto na família, só três restavam. Estes três, entretanto, eram "de vida boa," mas não tinham garantia alguma contra as hordas Zulu e a febre tifoide, e assim, um dia, Aubernon acordou e se descobriu Lorde Argentine, um homem de trinta que enfrentara as dificuldades da existência, e triunfara. A situação o divertia enormemente, e ele resolveu que a riqueza seria tão agradável para ele quanto a pobreza sempre fora.

Argentine, após relativamente pouca consideração, chegou à conclusão que jantares refinados, considerados uma arte requintada, eram talvez a busca mais divertida aberta à decadente humanidade, e assim seus jantares tornaram-se famosos em Londres, e um convite à sua mesa tornou-se um desejo cobiçado. Após dez anos de nobreza e jantares em Londres, Argentine ainda se recusava a se entregar ao cansaço, ainda persistia em aproveitar a vida, e por um tipo de infecção ficara conhecido como a causa de alegria em outros, ou seja, como a melhor das companhias. Sua morte trágica e repentina, portanto, causou uma grande e profunda sensação. As pessoas mal podiam acreditar, mesmo com o jornal diante de seus olhos, e o grito de "Morte Misteriosa de um Nobre" soando nas ruas. Mas lá estava o breve parágrafo: "Lorde Argentine encontrado morto esta manhã pelo seu valete sob circunstâncias perturbadoras.

Declara-se não haver dúvida alguma de que Sua Excelência cometeu suicídio, embora nenhum motivo possa ser atribuído ao ato. O nobre falecido era bem conhecido na sociedade, e muito apreciado pelos modos geniais e hospitalidade suntuosa. Ele é sucedido por", etc., etc.

Bem gradualmente, detalhes começaram a vir à luz, mas o caso ainda permanecia um mistério. A principal testemunha no inquérito era o valete do falecido, que disse que na noite anterior à sua morte Lorde Argentine jantara com uma moça de boa posição, cujo nome foi suprimido das reportagens dos jornais. Por volta das onze horas, Lorde Argentine retornou, e informou ao homem que não precisaria dos serviços dele até a manhã seguinte. Um pouco mais tarde, o valete teve a ocasião de atravessar o saguão e ver seu mestre sair silenciosamente pela porta da frente. Ele tirara seu traje de gala e trajava um casaco de Norfolk e calções, e usava uma boina marrom.

O valete não tinha nenhuma razão para supor que Lorde Argentine o vira, e embora seu mestre raramente permanecesse acordado, achou a ocorrência de pouca importância até a manhã seguinte, quando bateu na porta do quarto de dormir às quinze para as nove, como era usual. Ele não recebeu resposta, e depois de bater três ou quatro vezes, entrou no quarto e viu o corpo de Lorde Argentine inclinado para frente a partir de um ângulo na ponta da cama. Ele descobriu que seu mestre amarrara uma corda firmemente em um dos pés da cama e que, depois de fazer um nó corrediço e coloca-lo ao redor do pescoço, o infeliz homem deveria ter caído resolutamente para frente até morrer por estrangulamento lento. Ele vestia o traje leve que o valete o vira usar para sair, e o médico que foi chamado pronunciou que sua vida fora extinta há mais de quatro horas. Todos os documentos, cartas, e coisas desse tipo pareciam estar em perfeita ordem, e nada foi descoberto que apontasse para algum escândalo, grande ou pequeno. Aqui acabava a evidência; nada mais poderia ser descoberto. Várias pessoas estiveram presentas na festa que Lorde Argentine atendera antes, e para todos eles, ele parecia animado como sempre. O valete, de fato, disse acreditar que seu mestre parecia um pouco perturbado quando retornara ao lar, mas confessou que a mudança em seus modos era muito pequena, dificilmente notada, de fato. Não parecia haver qualquer esperança em buscar novas pistas, e a explicação de que Lorde Argentine fora atacado por uma mania suicida aguda foi aceita de modo geral.

Tudo isso mudou, entretanto, quando três semanas mais tarde, outros três homens, um deles um nobre, e os dois outros homens de boa posição e amplos meios, pereceram quase que precisamente da mesma maneira. Lorde Swanleigh foi encontrado uma manhã no seu camarim, pendendo de um cabide pregado à parede, enquanto que o Sr. Collier-Stuart e o Sr. Herries escolheram morrer como Lorde Argentine. Não havia explicação em nenhum dos casos; alguns fatos crus; um homem vivo à noite, um corpo de rosto negro e inchado de manhã. A própria polícia fora forçada a se confessar impotente para impedir ou explicar os sórdidos assassinatos de Whitechapel; mas diante dos horríveis suicídios de Piccadilly e Mayfair a polícia ficou atordoada, pois nem mesmo a mera ferocidade que servia como explicação dos crimes de East End poderia servir nos casos de West. Cada um desses homens que resolvera morrer uma morte vergonhosa e dolorosa era rico, próspero, e de acordo com todas as aparências, apaixonado pela vida, e nem mesmo a investigação mais precisa podia revelar a menor réstia de sombra de um motivo obscuro em qualquer um dos casos. Havia um horror no ar, e homens olhavam para os rostos um do outro, quando se encontravam, cada um imaginando se o outro seria a vítima de uma quinta tragédia sem nome. Jornalistas buscavam em vão em suas notas por materiais dos quais alguém poderia compor artigos reminiscentes; e o jornal matinal permaneceu dobrado em muitas casas com um sentimento de assombro; nenhum homem sabia quando o próximo golpe seria dado.

Pouco tempo após o mais recente desses terríveis eventos, Austin veio ver o Sr. Villiers. Ele estava curioso para saber se Villiers tivera algum sucesso em descobrir rastros mais frescos da Sra. Herbert, seja através de Clarke ou por outras fontes, e fez a pergunta assim que ele se sentou.

"Não," disse Villiers, "eu escrevi para Clarke, mas ele permanece obstinado, e eu tentei outros canais, mas sem nenhum resultado. Não consigo descobri o que aconteceu com Helen Vaughan após ela deixar a Rua Paul, mas eu acho que ela deve ter ido para o exterior. Mas para falar a verdade, Austin, eu não dei muita atenção a essa questão nas últimas semanas; eu conheci o pobre Herries intimamente, e a terrível morte dele foi um grande choque

para mim, um grande choque."

"Posso muito bem acreditar," respondeu Austin gravemente, "você sabe que Argentine era um amigo meu. Se me lembro corretamente, nós falávamos dele quando você foi até meus aposentos."

"Sim; foi em conexão com aquela casa na Rua Ashley, a casa da Sra. Beaumont. Você disse alguma coisa sobre Argentine ir a um jantar lá."

"De fato. É claro, você sabe que foi lá que Argentine foi a um jantar na noite anterior — antes de sua morte."

"Não, eu não ouvi nada sobre isso."

"Oh, sim; o nome foi mantido longe dos jornais para poupar a Sra. Beaumont. Argentine era um dos favoritos dela, e dizem que ela ficou em um estado terrível algum tempo depois."

Um olhar curioso tomou o rosto de Villiers; ele não parecia ser capaz de decidir se falaria ou não em seguida. Austin começou a falar de novo.

"Eu nunca senti uma sensação de horror tão intensa quanto quando li o relato da morte de Argentine. Eu não entendi na hora, e não entendo agora. Eu o conhecia muito bem, e passa completamente além de meu entendimento que causa possível ele – ou qualquer um dos outros, para falar a sério — poderia ter para decidir a sangue frio morrer de modo tão horrendo. Você sabe como os homens falam bobagem do caráter um do outro em Londres, você pode ter certeza de que qualquer tipo de escândalo enterrado ou esqueleto oculto teria sido trazido à luz em um caso como esse; mas nada assim aconteceu. Quanto à teoria da mania, vai muito bem, é claro, para o júri do médico legista, mas todo mundo sabe que é bobagem. Mania suicida não é varíola."

Austin caiu em um silêncio sombrio. Villiers ficou em silêncio também, vendo o amigo. A expressão de indecisão ainda passava pelo seu rosto; ele parecia estar pesando seus pensamentos na balança, e as considerações que estava fazendo o deixaram em silêncio. Austin tentou se desvencilhar das lembranças dessas tragédias tão desesperadoras e perplexas quanto o labirinto de Dédalo, e começou a falar com uma voz indiferente dos incidentes e aventuras mais agradáveis da estação.

"Aquela Sra. Beaumont," ele disse, "de quem estávamos falando, é um grande sucesso; ela tomou Londres quase que de assalto. Eu a encontrei noite passada em Fulham; ela é realmente uma mulher notável."

"Você encontrou a Sra. Beaumont?"

"Sim; ela tinha um cortejo e tanto atrás de si. Poderia dizer que ela é muito bonita, eu suponho, e ainda assim há algo no rosto dela que me desagrada. As feições são excelentes, mas a expressão é estranha. E o tempo todo em que eu olhava para ela, e depois, quando eu estava indo para casa, eu tive um sentimento curioso de que essa mesma expressão era-me de um jeito ou outro familiar."

"Você deve tê-la visto na fila."

"Não, eu tenho certeza de que nunca vi a mulher antes; é isso que deixa a coisa intrigante. E pelo que sei, nunca vi ninguém como ela. O que eu senti foi um tipo memória difusa distante, vaga, mas persistente. A única sensação com que posso compará-la é aquele sentimento estranho que às vezes se tem em um sonho, quando cidades fantásticas e terras maravilhosas e personagens fantasmagóricas parecem de súbito familiares e costumeiras."

Villiers meneou a cabeça e olhou sem meta pela sala ao redor, possivelmente na busca de algo para desviar a conversa.
Seus olhos pousaram sobre um velho baú semelhante àquele onde o estranho legado do artista jazia oculto por um cadeado de fechadura gótica.
"Você já escreveu ao médico sobre o pobre Meyrick?" Ele perguntou.

"Sim; eu escrevi perguntando por todos os detalhes particulares sobre a doença e morte dele. Eu não espero receber uma resposta por três semanas ou um mês. Eu pensei que poderia muito bem inquirir se Meyrick conheceu uma mulher inglesa chamada Herbert, e se for o caso, se o médico poderia me fornecer alguma informação sobre ela. Mas é bem possível que Meyrick topou com ela em Nova York, ou no México, ou em São Francisco; eu não tenho ideia de qual foi a extensão ou direção das viagens dele."

"Sim, e é bem possível que a mulher pode ter mais de um nome."

"Exatamente. Eu gostaria de ter pedido a você para me emprestar o retrato dela que você tem. Eu o poderia ter enviado com minha carta ao Dr. Matthews."

"Assim poderia ter feito; isso nunca me ocorreu. Nós poderíamos enviá-la agora. Ah! Quem são esses meninos chamando?"

Enquanto os dois homens conversavam, um barulho confuso de gritos estivera aumentando gradualmente. O barulho se levantou do leste e engoliu todo o Piccadilly, chegando cada vez mais perto, uma verdadeira torrente de som; engolindo ruas geralmente quietas e transformando cada janela em um quadro para um rosto, curioso ou irritado. Os gritos e vozes vieram ecoando na rua silenciosa onde Villiers morava, crescendo cada vez mais distintos conforme avançavam, e conforme Villiers falou, uma resposta soou do asfalto:

"O Horrores de West End; Outro Suicídio Terrível; Detalhes Completos!"

Austin desceu correndo as escadas e comprou um jornal e leu um parágrafo em voz alta para Villiers conforme o ruído na rua se ergueu e depois decaiu. A janela estava aberta e o ar parecia cheio de barulho e terror.

"Outro cavalheiro cai vítima da terrível epidemia de suicídio que no mês passado prevaleceu em West End. O Sr. Sidney Crashaw, da Casa de Stoke, Fulham, e King's Pomeroy, Devon, foi encontrado, após uma busca prolongada, morto e enforcado do galho de uma árvore no seu jardim à uma da tarde de hoje. O cavalheiro falecido compareceu a um jantar ontem à noite no Clube Carlton e parecia estar com a saúde e ânimo habituais. Ele deixou o clube às dez, e foi visto andando calmamente pela Rua James pouco tempo depois. Subsequente a isso seus movimentos não podem ser rastreados. Após a descoberta do corpo, auxílio médico foi chamado com rapidez, mas sua vida já havia se extinguido há muito tempo. Pelo que se sabe até agora, o Sr. Crashaw não tinha nenhum distúrbio ou angústia de qualquer tipo. Esse doloroso suicídio, deve-se lembrar, é o quinto desse tipo este mês. As autoridades da Scotland Yard são incapazes de sugerir qualquer explicação para estas terríveis ocorrências."

Austin colocou o jornal de lado, mudo de horror.

"Eu sairei de Londres amanhã," ele disse, "é uma cidade de pesadelos. Mas como é terrível, Villiers!"

O Sr. Villiers estava sentado à janela olhando silenciosamente para a rua lá fora. Ele ouviu atentamente o relato do jornal, e a sugestão de indecisão

não estava mais em seu rosto.

“Espere um momento, Austin,” ele retrucou, “eu já decidi mencionar um pequeno incidente que ocorreu ontem à noite. Eu declarei, penso eu, que Crashaw foi visto vivo pela última vez na Rua James pouco depois das dez?”

“Sim, acho que sim. Verificarei de novo. Sim, você está correto.”

“De fato. Bem, eu estou em uma posição que me permite contrariar essa declaração, de qualquer modo. Crashaw foi visto mais tarde depois disso; consideravelmente mais tarde, na verdade.”

“Como você sabe?”

“É que eu mesmo vi Crashaw por volta das duas da manhã de hoje.”

“Você viu Crashaw? Você, Villiers?”

“Sim, eu o vi de modo bem distinto; na verdade, apenas alguns poucos passos nos separavam.”

“Onde, pelo amor de Deus, você o viu?”

“Não muito longe daqui. Eu o vi na Rua Ashley. Ele estava saindo de uma casa.”

“Você viu de quem era essa casa?”

“Sim. Era da Senhora Beaumont.”

“Villiers! Pense no que você está dizendo; deve haver algum erro aí. Como Crashaw poderia estar na casa da Sra. Beaumont às duas da manhã? Certamente, sem dúvida alguma, você devia estar sonhando, Villiers; você sempre teve sempre uma imaginação solta.”

“Não; eu estava bem desperto. Mesmo se eu estivesse sonhando como você diz, o que eu vi teria me desperto de uma vez.”

“O que você viu? O que foi que você viu? Havia algo estranho em Crashaw? Mas eu não posso acreditar nisso; é impossível.”

“Bem, se tu quiseres, eu te direi o que vi, ou se assim te agradar, o que eu penso que vi, e você pode julgar por si mesmo.”

“Muito bem, Villiers.”

O barulho e clamor da rua desapareceram, embora de vez em quando o som de gritaria ainda viesse da distância, e o silêncio pesado e opaco era como a quietude que se segue a um terremoto ou uma tempestade. Villiers desviou-se da janela e começou a falar.

“Eu estava em uma casa perto do Parque Regent ontem à noite, e quando eu saí o desejo de andar até em casa me dominou em vez de tomar um coche. Era uma noite clara e agradável, e após alguns minutos eu estava praticamente sozinho na rua. É um tanto quanto curioso, Austin, ficar sozinho em Londres à noite, os lampiões a gás avançando na distância, e o silêncio mortal, e depois talvez o chacoalhar e movimento de um coche sobre as lajotas, e as faíscas se acendendo sob os cascos do cavalo. Eu andei bem depressa, pois estava me sentindo um tanto cansado de ficar fora durante a noite, e quando os relógios estavam batendo duas horas, eu virei na Rua Ashley, que, você sabe, fica em meu caminho. Estava mais quieto do que nunca lá, e as lamparinas eram mais raras; no geral, parecia tão escuro e tenebroso quanto uma floresta no inverno. Eu tinha andado metade do comprimento da rua quando ouvi uma porta se fechar muito suavemente, e naturalmente eu olhei para ver quem estava fora como eu a tal hora.

Como aconteceu, há uma lamparina próxima da casa em questão, e eu vi um homem de pé na soleira. Ele acabara de fechar a porta e seu rosto virou na minha direção, e eu reconheci o Sr. Crashaw diretamente. Eu nunca o conheci de falar com ele, mas o vira muitas vezes, e tenho certeza que não estava errado sobre esse homem. Eu olhei no rosto dele por um momento, e então – confesso a verdade – eu saí correndo a uma boa velocidade, e mantive meu passo até chegar diante da minha porta.”

“Por quê?”

“Por quê? Porque meu sangue ficou gelado quando vi o rosto daquele homem. Eu nunca poderia supor que uma mistura tão infernal de paixões poderia ter me olhado através de quaisquer olhos humanos; eu quase desmaiei quando olhei. Eu sabia que tinha olhado nos olhos de uma alma perdida, Austin, a forma exterior do homem permanecia, mas o inferno estava lá dentro. Luxúria furiosa, e ódio que era como fogo, e a perda de toda esperança e o horror que parecia gritar para a noite em voz alta, embora seus dentes estivessem fechados; e a completa escuridão do desespero. Eu tenho certeza de que ele não me viu; ele não viu nada que eu ou você possamos ver, mas do que ele viu eu espero que nunca vejamos. Eu não sei quando ele morreu; suponho que em uma hora, ou talvez duas, mas quando eu passei pela Rua Ashley e ouvi a porta se fechar, aquele homem não pertencia mais a este mundo; foi o rosto de um diabo que eu vi.”

Houve um intervalo de silêncio na sala quando Villiers parou de falar. A luz estava falhando, e todo o tumulto de uma hora atrás estava silencioso. Austin baixara a cabeça ao terminar a história e sua mão cobriu os olhos.

“O que isso significa?” Ele disse afinal.

“Quem sabe, Austin, quem sabe? É um caso sinistro, mas acho que devemos guarda-lo para nós mesmos, pelo menos por enquanto. Eu verei se não consigo aprender algo sobre aquela casa através de canais particulares de informação, e se a luz me iluminar sobre isso, eu te direi.”

VII - O Encontro no Soho

Três semanas depois, Austin recebeu um bilhete de Villiers, pedindo-lhe para chamar ou naquela tarde ou na seguinte. Ele escolheu a data mais próxima, e encontrou Villiers sentado, como de costume, perto da janela, aparentemente perdido em meditação ao contemplar o tráfico sonolento na rua.

Havia uma mesa de bambu ao lado dele, uma coisa fantástica, enriquecida com cenas pintadas e folheadas a ouro, e sobre ela, uma pequena pilha de papéis dispostos e arrumados com a mesma precisão que qualquer coisa no escritório de Clarke.

“Bem, Villiers, você fez alguma descoberta nas últimas três semanas?”

“Acho que sim; tenho aqui um ou dois memorandos que me chamaram a atenção como singulares, e há uma declaração à qual chamo sua atenção.”

“E esses documentos são relativos à Sra. Beaumont? Era mesmo Crashaw quem você viu naquela noite na soleira da porta na Rua Ashley?”

“Quanto a essa questão minha crença permanece a mesma, mas nem meus inquéritos nem seus resultados têm qualquer relação especial com Crashaw. Mas minhas investigações tiveram um resultado interessante. Eu descobri quem é a senhora Beaumont!”

“Quem é ela? Do que você está falando?”

“eu quero dizer que você e eu a conhecemos melhor sob outro nome.”

“E que nome é esse?”

“Herbert.”

“Herbert!” Austin repetiu a palavra, atordoado de assombro.

“Sim, a Sra. Herbert da Rua Paul, Helen Vaughan de aventuras anteriores que eu desconhecia. Você tinha razão em reconhecer a expressão no rosto dela; quando for para casa, olhe o rosto no livro de horrores de Meyrick, e reconhecerá a fonte da sua lembrança.”

“E você tem alguma prova disso?”

“Sim, a melhor das provas; eu mesmo vi a Sra. Beaumont, ou deveria dizer Sra. Herbert?”

“Onde você a viu?”

“Em um lugar onde você dificilmente esperaria ver uma mulher que vive na Rua Ashley, em Piccadilly. Eu a vi entrar em uma casa em uma das piores ruas em Soho. De fato, eu fiz um apontamento, embora não com ela, e ela apareceu precisamente no horário e local.”

“Tudo isso parece maravilhoso, mas eu não chamaria de incrível. Você deve se lembrar, Villiers, de que eu vi essa mulher, nos passos comuns da sociedade londrina, falando e rindo e tomando seu café em um vestíbulo comum com pessoas comuns. Mas você sabe o que está dizendo.”

“Eu sei; eu não me permiti ser levado por suposições ou fantasias. Eu não estava pensando em encontrar Helen Vaughan a ponto de buscar a Sra. Beaumont nas águas escuras da vida em Londres, mas foi o que aconteceu.”

“Você deve ter passado por muitos lugares estranhos, Villiers.”

“Sim, já fui para lugares muito estranhos. Teria sido inútil, você bem sabe, ir até a Rua Ashley, e pedir que a Sra. Beaumont me desse um curto resumo de sua história passada.

Não; assumindo, como eu tive que assumir, que a ficha dela não era das mais limpas, seria certo que em algum momento passado ela deve ter se movido por círculos menos refinados que os círculos presentes. Se você vê lama rio acima, pode ter certeza que há mais à frente. Eu fui mais adiante. Sempre gostei bastante de mergulhar na Rua Insólita por diversão, e achei meu conhecimento daquela região e seus habitantes bem útil. Seria, talvez, inútil dizer que meus amigos nunca ouviram o nome Beaumont, e assim como eu nunca a vira antes, e não podia descrevê-la, tive que trabalhar de maneira indireta. As pessoas de lá me conhecem; eu fui capaz de lhes prestar um serviço de vez em quando, então eles não interpolaram nenhuma dificuldade em dar sua informação; eles sabiam que eu não tinha nenhuma comunicação direta ou indireta com a Scotland Yard. Tive que superar muitos obstáculos, contudo, antes de obter o que queria, e quando peguei o peixe não supus por um único momento que era o meu peixe.

Mas ainda assim ouvi o que me diziam por um gosto constitucional por informação inútil, e me vi de posse de uma história muito curiosa, contudo, como imaginei, não era a que eu procurava. Foi mais ou menos assim. Uns cinco ou seis anos atrás, uma mulher de nome Raymond apareceu subitamente na vizinhança a que me refiro. Ela foi descrita como bem jovem, de dezessete ou dezoito anos, muito bonita, e com a aparência de alguém do interior. Eu estaria errado em dizer que ela encontrou seu nível ao se mudar para esse bairro, ou ao se associar com essas pessoas, pois pelo que me disseram, deveria achar que o pior antro de Londres seria bom demais para ela.

A pessoa de quem recebi minha informação, como você deve saber, não era nenhum puritano, mas estremeceu de náusea ao me descrever as infâmias impronunciáveis de que ela era acusada. Depois de viver lá por um ano, ou talvez um pouco mais, ela desapareceu tão repentinamente quanto aparecera, e eles não tiveram notícia dela até a época do caso da Rua Paul.

No começo ela voltava ao seu antigo abrigo apenas ocasionalmente, depois com mais frequência, e finalmente fez sua estadia lá como antes, e permaneceu por seis ou oito meses. Não há porque dar detalhes sobre a vida que a mulher levava; se você quiser detalhes, olhe para o legado de Meyrick. Aqueles desenhos não eram produtos da imaginação dele.

Ela desapareceu de novo, e as pessoas do lugar não a viram de novo até alguns meses atrás. Meu informante me disse que ela se instalara em uma casa que ele apontou, e cujos quartos ela tinha o hábito de visitar duas ou três vezes por semana, e sempre às dez da manhã. Eu fui levado a especular que uma dessas visitas ocorreria em um dia de uma semana passada, e em acordo com isso, saí à espreita na companhia do meu cicerone às nove e quarenta, e quando deu a hora, a moça veio com igual pontualidade. Meu amigo e eu estávamos sob o vão de um arco, mas ela nos viu e lançou-me um olhar que demorarei em esquecer. Aquele olhar foi o suficiente para mim; eu soube então eu a senhorita Raymond era a senhora Herbert; quanto à senhora Beaumont, ela já deixara há muito minha cabeça. Ela entrou na casa, e eu observei até às quatro horas, quando então ela saiu, e depois a segui. Foi uma

perseguição longa, e eu tive que ter muito cuidado para me manter à distância na cena e ainda assim não perder a mulher de vista. Ela me guiou até o Strand e depois até Westminster, e depois pela Rua St. James, e ao longo da Piccadilly.

Senti-me estranho quando a vi virar na Rua Ashley; o pensamento de que a Sra. Herbert era a Sra. Beaumont veio à minha mente, mas parecia impossível demais para ser verdade. Eu esperava na esquina, mantendo meus olhos nela o tempo todo, e tomei um cuidado particular na casa onde ela parou.

Era a casa de cortinas alegres, a casa das flores, a casa de onde Crashaw saiu na noite em que ele se enforcou no seu jardim. Eu estava indo embora com minha nova descoberta, quando vi uma carruagem vazia chegar e parar em frente à casa, e cheguei à conclusão de que a Sra. Herbert sairia para um passeio de coche, e estava certo. Lá, como eu já disse, encontrei um homem que conheço, e nós passamos a conversar a pouca distância da trilha da carruagem, minhas costas estando voltadas para ela. Nós não estávamos lá por nem dez minutos quando meu amigo tirou o chapéu, e eu olhei ao redor e vi a moça que estivera seguindo o dia todo. 'Quem é essa?' eu disse, e a resposta dele foi 'a Sra. Beaumont; ela vive na Rua Ashley.'

É claro, não poderia haver dúvida depois disso. Não sei se ela me viu, mas eu não acho que viu. Voltei para casa de uma vez, e após muita consideração, considerei que tinha um caso bom o suficiente para ir até Clarke."

"Por que Clarke?"

"Porque tenho certeza que Clarke conhece fatos sobre essa mulher, fatos sobre os quais nada sei."

"Bem, o que farão então?"

O Sr. Villiers se reclinou na sua cadeira e olhou reflexivamente para Austin por um instante antes de responder:

"Minha ideia é que Clarke e eu deveríamos chamar a Sra. Beaumont."

"Você acha que deveria entrar em uma casa como aquela? Não, não, Villiers, você não pode fazer isso. Além disso, considere que resultado…"

"Eu te direi em breve. Mas vou dizer desde já que minha informação não acaba aqui; isso já foi realizado de maneira extraordinária. Olhe para este pequeno pacote arrumado de manuscrito; é paginado, veja só, e eu até coloquei um enfeite amenizador na forma de um laço vermelho. Tem quase um ar de documento legal, não tem? Corra os olhos por ele, Austin. É um relato do entretenimento que a Sra. Beaumont forneceu para os seus convidados mais exigentes. O homem que o escreveu escapou com vida, mas não acho que viverá por muitos anos. Os médicos lhe disseram que deve ter sofrido um choque muito grande nos nervos."

Austin pegou o manuscrito, mas nunca o leu. Abrindo as páginas organizadas ao acaso, seus olhos pegaram uma palavra ou frase que se seguia; e mal do coração, com lábios pálidos e suor frio escorrendo como água das têmporas, ele colocou o documento de lado.

"Leve isso embora, Villiers, nunca falaremos sobre isso de novo. Você é feito de pedra, homem? Pois sim, o horror e o medo da própria morte, os pensamentos de um homem que está de pé, no ar gélido da manhã, sobre a plataforma negra de execução, amarrado, o sino batendo em seus ouvidos, e esperando o chacoalhar duro da plataforma, tudo isso nada é comparado com isto aqui. Não lerei mais; nunca dormiria novamente se o fizesse."

"Muito bem. Entendo o que você quer dizer. Sim; é bastante horrível. Mas enfim, é uma velha história, um velho mistério que se desenrola em nossos dias, e nas obscuras noites de Londres em vez de entre os vinhedos e bosques de oliveiras. Nós sabemos o que aconteceu com aqueles que por acaso encontraram o Grande Deus Pã, e aqueles que são sábios para saber que todos os símbolos são símbolos de alguma coisa, não de coisa alguma. Foi, de fato, sob um excelente símbolo que os homens há muito esconderam seu conhecimento do mais terrível, as terríveis forças secretas que dormem no coração de todas as coisas; forças diante das quais as almas dos homens devem se ressecar e morrer carbonizadas, da mesma forma como seus corpos se carbonizam sob a corrente elétrica. Tais forças não podem ser nomeadas, nem podem ser pronunciadas, não podem ser imaginadas exceto sob um véu e um símbolo, um símbolo que diante de alguns de nós parece uma fantasia exótica e poética, diante de outros um conto tolo. Mas você e eu, de qualquer modo, chegamos a conhecer algo do terror que pode estar abrigado no lugar secreto da vida, que se manifesta sob a carne humana; aquilo que não tem forma toma para si uma forma. Oh, Austin, como pode ser assim? Como pode a luz do sol não se transformar em trevas diante de tal coisa, a terra sólida ferver e derreter sob tal fardo?"

Villiers andava de um lado a outro da sala, e as gotas de suor se faziam bem distintas em sua testa. Austin permaneceu sentado em silêncio por um tempo, mas Villiers o viu fazer um sinal sobre o peito.

"Eu repito o que disse, Villiers, está certo que você nunca entrará em uma casa como aquela? Você nunca sairia de lá vivo."

"Sim, Austin, eu voltarei vivo — eu e Clarke junto de mim."

"O que você quer dizer com isso? Você não pode, você não ousaria…"

"Espere um momento. O ar estava muito agradável e fresco esta manhã; havia uma brisa soprando, mesmo por esta rua sem graça, e eu pensei que poderia sair para uma caminhada. O Piccadilly se abria diante de mim, uma visão clara e vasta, e o sol brilhava nas carruagens e nas folhas tremeluzentes no parque. Era uma manhã de júbilo, e os homens e mulheres olhavam para o céu e sorriam enquanto iam para o trabalho ou lazer, e a brisa soprava tão alegremente quanto sobre os prados e o tojo perfumado. Mas de um jeito ou outro eu saí do burburinho e animação, e me vi andando lentamente ao longo de uma rua silenciosa e parada, onde não parecia haver luz do sol nem ar, e onde os poucos pedestres vadeavam ao passar, oscilando indecisos nas esquinas e sob os arcos. Eu continuei a andar, mal divisando aonde ia ou o que fazia lá, mas me sentia impelido, como às vezes nos sentimos, a explorar ainda mais, com a vaga ideia de atingir alguma meta desconhecida. Assim eu segui pela rua, notando o pequeno tráfico na tabacaria, e pensando incongruentemente diante do emaranhado de cachimbos baratos, tabaco preto, doces, jornais, e canções cômicas que aqui e ali se embrenhavam pelo curto compasso de uma única janela. Eu acho que foi um arrepio frio que passou subitamente por mim que me disse ter encontrado o que procurava. Eu olhei acima do pavimento e parei diante de uma loja poeirenta, acima dela um letreiro já apagado, os tijolos de duzentos anos atrás já enegrecidos; onde as janelas recolhiam sobre si mesmas a poeira de inumeráveis invernos.

Eu vi o objeto de minha busca; mas acho que se passaram cinco minutos antes que eu tivesse me firmado o suficiente para poder andar e fazer perguntas com uma voz séria e expressão tranquila. Penso que mesmo assim houve certo tremor nas minhas palavras, pois o velho que saiu do quarto dos fundos e remexeu nos produtos olhou-me de um modo estranho conforme amarrava o embrulho. Eu paguei o preço que ele pediu, e fiquei encostado no

balcão, com uma estranha hesitação em pegar minhas compras e sair. Eu perguntei sobre o comércio e ele disse que ia mal e que o lucro decaíra, infelizmente; mas afinal, a rua não era mais o que era antes de o tráfico ser desviado, mas isso fora feito quarenta anos atrás, 'logo antes da morte do meu pai,' ele disse. Eu saí finalmente de lá e andei com pressa; era uma rua por demais lúgubre, e eu fiquei feliz em voltar para o burburinho e o barulho. Quer ver o que comprei?"

Austin não disse coisa alguma, mas meneou a cabeça levemente; ele ainda parecia pálido e doente. Villiers abriu uma gaveta na mesa de bambu, e mostrou a Austin um longo rolo de corda, dura e nova; e em uma ponta havia um nó de laço.

"É a melhor corda de cânhamo," disse Villiers, "como se costumava fazer nos velhos tempos, o homem me disse. Não há um milímetro de juta do início ao fim."

Austin tencionou os dentes, e encarou Villiers, ficando mais pálido enquanto olhava.

"Você não faria isso," ele murmurou enfim. "Você não poderia suportar sangue em suas mãos. Meu Deus!" ele exclamou, com repentina veemência, "você não pode estar falando sério, Villiers, que você se tornará um verdugo por enforcamento?"

"Não. Eu oferecerei uma escolha, e deixarei Helen Vaughan sozinha com essa corda em um quarto fechado por quinze minutos. Se quando sairmos o feito não tiver sido realizado, chamarei a polícia. Isso é tudo."

"Eu tenho que ir agora. Não aguento ficar mais aqui; não posso suportar isso. Boa noite."

"Boa-noite, Austin."

A porta se fechou, mas num instante se abriu novamente, e lá estava Austin de pé, pálido e sombrio na soleira da porta.

"Eu estava me esquecendo," ele disse, "que também tenho uma coisa para contar. Recebi uma carta do Dr. Harding de Buenos Aires. Ele diz que cuidou de Meyrick por três semanas antes da morte dele."

"E ele diz o que o levou bem na flor da idade? Não foi a febre?"

"Não, não foi a febre. De acordo com o doutor, fui um colapso total de todos os órgãos, provavelmente causado por um choque severo. Mas ele diz que o paciente não lhe contou nenhum detalhe, e que como consequência ele esteve em desvantagem em tratar o caso."

"Há algo mais?"

"Sim. O Dr. Harding termina a carta dizendo: 'eu acho que essa é toda a informação que eu posso te dar sobre teu pobre amigo. Ele não ficou por muito tempo em Buenos Aires, e não conhecia praticamente ninguém, exceto por uma pessoa que não tinha um caráter muito bom, e que desde então foi embora — uma tal de Sra. Vaughan.' "

VIII - Os Fragmentos

[Entre os papéis do famoso médico, Dr. Robert Matheson, da Rua Ashley, Piccadilly, que morreu subitamente de um ataque apoplético, no início de 1892, uma folha de papel manuscrito foi encontrada, coberta com anotações a lápis. Essas anotações estavam em latim, muito abreviado, e evidentemente foram feitas com muita pressa. O MS. foi decifrado apenas com grande dificuldade, e algumas palavras escapam até o presente momento todos os esforços do especialista empregado. A data, “XXV Jul. 1888,” está escrita no canto superior direito do MS. O que se segue é uma tradução do manuscrito do Dr. Matheson.]

“Se a ciência se beneficiaria destas breves notas se eu pudesse publicá-las, eu não sei, mas duvido muito. Mas certamente nunca tomarei a responsabilidade de publicar ou divulgar uma palavra do que aqui está escrito, não apenas por causa do juramento que fiz para aquelas duas pessoas que estavam presentes, mas também porque os detalhes são por demais abomináveis. É bem provável que, após consideração mais madura, e após pesar o bem e o mal, eu destruirei este papel, ou o deixarei sob meu selo para meu amigo D., confiando na sua discrição, para usá-lo ou queimá-lo, o que ele pensar que é melhor.

Como era adequado, eu fiz tudo o que meu conhecimento sugeria para me certificar de que eu não estava sofrendo de um delírio. De início espantado, eu mal consegui pensar, mas dentro de um minuto eu tive certeza de que meu pulso estava firme e regular, e que eu estava com a minha razão e sanidade verdadeiras. Eu então fixei meus olhos silenciosamente no que estava diante de mim.”

“Embora o horror e a náusea revoltantes se agitassem dentro de mim, e um odor de corrupção sufocasse minha respiração, eu permaneci firme. Eu estava ou em uma condição de privilégio ou maldição, não ouso dizer qual, que me permitiu ver aquilo que estava sobre a cama, deitado lá como tinta negra, transformado diante de meus olhos. A pele, e a carne, e os músculos, e os ossos, e a firme estrutura do corpo humano que eu achava ser imutável, e permanente como diamante, começou a derreter e se dissolver.”

“Eu sei que o corpo pode ser separado em seus elementos por agência externa, mas eu me recusei a aceitar o que vi. Pois aqui havia alguma força interna, da qual nada sei, que causou a dissolução e mudança.”

“Aqui também estava todo o trabalho através do qual o homem fora feito repetido diante de meus olhos. Eu vi a forma variar de sexo a sexo, dividir-se de si mesma, e depois se unir novamente. Então eu vi o corpo descer até as bestas de onde ascendera, e aquilo que estava nas alturas descer até as profundezas, até mesmo ao abismo de todo o ser. O princípio da vida, que cria os organismos, sempre permaneceu, enquanto que a forma exterior mudava.

“A luz dentro do quarto se tornara escuridão, não as trevas da noite, na qual objetos podem ser vistos fracamente, pois eu podia ver claramente e em dificuldade. Mas era a negação da luz; objetos se apresentavam diante de meus olhos, se posso falar assim, sem nenhum meio, de tal modo que se houvesse um prisma na sala eu não teria visto cores aparecerem nele. Eu olhei, e afinal nada vi além de uma substância gelatinosa. Então a escada ascendeu novamente… [aqui o MS. está ilegível] … pois uma vez eu vi uma Forma, moldada na obscuridade diante de mim, que não descreverei em mais detalhes. Mas o símbolo desta forma pode ser visto em antigas esculturas, e em pinturas que sobreviveram sob a lava, horrendo demais para ser descrito… como um formato horrível e indescritível, nem homem nem fera, que foi moldado em forma humana, então veio finalmente a morte. Eu que vi tudo isso, não sem grande horror e desprezo na alma, aqui escrevo meu nome, declarando que tudo o que escrevi neste papel é verdadeiro.”

“ROBERT MATHESON, Dr. Med.”

…Esta, Raymond, é a história do que eu sei e do que eu vi. O fardo de tudo isso foi pesado demais para que eu suportasse sozinho, e ainda assim eu não pude contar a ninguém exceto você.

Villiers, que estava comigo no fim, nada sabe daquele segredo terrível do bosque, de como nós dois a vimos morrer, deitada sobre a campina doce e suave entre as flores, metade no sol e metade na sombra, e segurando a garota a mão de Rachel, chamou e invocou esses companheiros, e moldou em forma sólida sobre a terra que nós pisamos, o horror que não podemos fazer mais que sugerir, que nós só podemos nomear sob uma figura de linguagem. Eu não diria nada sobre isso para Villiers, nem daquela semelhança que me atingiu com um golpe no coração, quando eu vi o retrato, que encheu a taça de terror no final.

O que isso significa eu não ouso adivinhar. Eu sei que o que eu vi perecer não era Mary, e ainda assim, na agonia final, os olhos de Mary olharam para os meus. Se há qualquer um que pode revelar o último elo nesta corrente de terrível mistério, eu não sei, mas se há alguém que pode fazer isso, você, Raymond, é o homem. E se você sabe o segredo, depende de você contá-lo ou não, como quiser.

Eu estou escrevendo essa carta para você imediatamente após meu retorno para a cidade. Eu estive no campo pelos últimos dias; talvez você possa ser capaz de adivinhar em que parte. Enquanto o horror e espanto de Londres estavam em seu auge — pois “Sra. Beaumont,” como eu te contei, era bem conhecida na sociedade — eu escrevi para meu amigo, Dr. Phillips, dando um breve resumo, ou melhor, sugestão, do que aconteceu, e lhe pedi para me dizer o nome da aldeia onde os eventos que ele me relatou ocorreram. Ele me deu o nome, como ele já disse com menos hesitação, porque o pai e mãe de Rachel estavam mortos, e o resto da família tinha ido visitar um parente no Estado de Washington seis meses antes. Os pais, ele disse, tinham, sem dúvida alguma, morrido de lástima e horror causados pela terrível morte da filha, e pelo que ocorreu antes daquela morte.

Na tarde do dia em que recebi a carta de Phillips, eu estava em Caermaen, e de pé à sombra das ruinas das muralhas romanas, brancas com os invernos de setecentos anos.

Eu olhei para a campina onde outrora estivera o templo do “Deus das Profundezas,” e eu vi uma casa brilhando na luz do sol. Era a casa onde Helen vivera. Eu fiquei em Caermaen por vários dias.

As pessoas do lugar, eu descobri, sabiam pouco e tinham deduzido menos ainda. Aqueles com quem falei sobre isso pareceram surpresos que um antiquário (como eu me declarei) se incomodaria com uma tragédia de aldeia, da qual eles deram uma versão comum, e como você imagina, eu nada disse do que eu sabia.

Eu passei a maior parte do meu tempo no grande bosque que se ergue acima da aldeia e escala as encostas das colinas, e desce até o rio no vale; mais um longo vale adorável, Raymond, como aquele que contemplamos em uma noite de verão, andando para um lado ou outro na frente da sua casa. Por muitas horas eu vaguei pelo labirinto da floresta, virando de vez em quando para a direita e para a esquerda, andando lentamente por longos becos de vegetação baixa, escura e fria, mesmo sob o sol do meio dia, e parei muitas vezes na sombra de grandes carvalhos; deitei-me sobre a turfa seca de uma clareira onde o fraco odor doce de rosas silvestres veio até mim com o vento e se misturou com o pesado perfume dos sabugueiros, cujo odor misturado é como o odor de uma sala mortuária, um vapor de incenso e corrupção. Eu fiquei de pé na beira do bosque, admirando toda a pompa e processão das dedaleiras erguendo-se no meio das samambaias em vermelho brilhante no amplo pôr-do-sol, e além até a mata densa e profunda onde nascentes brotam borbulhando da rocha e nutrem os nenúfares, úmidos e malignos. Mas em todos os meus passeios eu evitei uma parte do bosque; não foi até ontem que eu escalei até o topo da colina, e fiquei em pé sobre a estrada romana que percorre o morro mais alto do bosque.

Por aqui elas andaram, Helen e Rachel, ao longo desta paisagem tranquila, sobre o pavimento de turfa verde, fechado de ambos os lados por altos morros de terra vermelha, e altas cercas-vivas de bétulas brilhantes, e aqui eu segui os passos delas, olhando ao redor, de vez em quando, através de espaços entre os galhos, e vendo de cada lado a inclinação do bosque se estender até a distância para a direita ou esquerda, e afundar no nível mais baixo, e mais além, o mar azul, e a terra amarela sobre o mar. Do outro lado estava o vale e o rio e uma colina seguindo após outra colina como uma onda segue a outra e bosque e campina e plantação de cereais e casas brancas brilhando, e uma grande muralha de montanhas, e distantes picos azuis no norte. E assim, eu finalmente cheguei ao lugar.

A trilha subia por um barranco suave, e se alargava em um espaço aberto cercado por um muro de mato espesso, e então, estreitava-se de novo, passava para a distância longínqua e a difusa névoa azul do calor do verão. E para esta amena clareira de verão Rachel trouxe uma garota, e depois saiu, quem saberá o quê? Eu não fiquei lá por muito tempo.

Na pequena cidade perto de Caermaen há um museu, contendo em grande parte artefatos romanos que foram encontrados ao redor na vizinhança em diversos momentos. No dia após minha chegada em Caermaen eu andei até a cidade em questão, e tomei a oportunidade de inspecionar o museu.

Depois de ver a maior parte das pedras esculpidas, os sarcófagos, anéis, moedas, e fragmentos de azulejo em xadrez que o lugar contém, mostraram-me um pequeno pilar quadrado de pedra branca, que fora descoberto recentemente no bosque do qual falei, e conforme descobri com perguntas, naquele espaço aberto onde a estrada romana se alarga. De um lado do pilar havia uma inscrição, sobre a qual tomei nota. Algumas das letras haviam sido esfaceladas, mas eu não acho que pode haver qualquer dúvida sobre as letras que vi.

A inscrição é a seguinte:

DEVOMNODENTi FLAvIVSSENILISPOSSvit PROPTERNVPtias quaSVIDITSVBVMra

“Para o grande Deus Nodens (O Deus da Grande Profundeza ou Abismo) Flavius Senilis fez erguer este pilar em conta do casamento que ele viu na sombra.”

O curador do museu me informou que os antiquários locais ficaram muito perplexos, não com a inscrição, ou por qualquer dificuldade em traduzi-la, mas em relação a qual circunstância ou rito a alusão se refere.

…E agora, meu querido Clarke, quanto ao que você me conta sobre Helen Vaughan, que você diz ter visto morrer sob certas circunstâncias do maior e mais incrível horror. Fiquei interessado em seu relato, mas um bocado, não, tudo do que você me contou eu já sabia antes.

Eu entendo a estranha semelhança que você notou tanto no retrato e no rosto de verdade; você viu a mãe de Helen. Você se lembra daquela tranquila noite de verão há tantos anos, quando eu falei com você sobre o mundo além das trevas, e do Deus Pã. Você se lembra de Mary. Ela era a mãe de Helen Vaughan, que nasceu nove meses após aquela noite.

Mary nunca recobrou a razão. Ela ficou deitada, como você a viu, o tempo todo sobre a cama, e alguns dias após o nascimento da criança, ela morreu. Eu imagino que só no fim ela me reconheceu; eu estava ao lado da cama, e o velho olhar apareceu nos olhos dela por um segundo, e então ela estremeceu e gemeu e morreu. Foi uma obra doentia o que eu fiz naquela noite quando você estava presente; eu arrombei a porta da casa da vida, sem saber ou me importar com o que poderia passar ou entrar. Eu me lembro de você me dizer então, e com bastante perspicácia, e de modo correto, em certo sentido, que eu arruinei a razão de um ser humano com um experimento tolo, baseado em uma teoria absurda. Você fez bem em me culpar, mas minha teoria não era completamente absurda. O que eu disse que Mary veria foi o que ela viu, mas eu esquecera então que nenhum par de olhos humanos pode contemplar tal visão com impunidade. E eu esquecera, como acabei de dizer, que quando a casa da vida é aberta assim, lá pode entrar aquilo para o qual não temos nome, e a carne humana pode se tornar o véu que cobre um horror que não se ousa expressar. Eu brinquei com energias que eu não entendia e você viu o fim de tudo isso.

Helen Vaughan fez bem em amarrar a corda ao redor do pescoço e morrer, embora a morte tenha sido horrível. O rosto enegrecido, a forma horrenda sobre a cama, mudando e derretendo diante de seus olhos de mulher em homem, de homem em fera, e de fera para pior do que fera, todo o horror de que você dá testemunho, isso me surpreende bem pouco.

O que você diz que fez o médico que você enviou tremer de medo, eu notei há muito tempo; eu sabia o que tinha feito no momento em que a criança nasceu, e quando mal tinha cinco anos, eu a surpreendi, não uma ou duas vezes, mas várias, com um companheiro, você pode adivinhar de que tipo.

Era para mim um horror constante encarnado, e após alguns anos eu senti que não poderia mais aguentar, e mandei Helen Vaughan embora. Você sabe agora o que assustou o menino no bosque.

O resto da estranha história, e tudo o mais que você me conta, como descoberto pelo seu amigo, eu consegui deduzir de tempos em tempos, quase até o último capítulo. E agora Helen está com os companheiros dela...